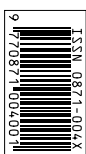


Macau 澳門

TALENTOS QUE REGRESSAM

A oportunidade de uma carreira em Macau e as saudades da família são as principais razões que motivam o retorno de quadros qualificados da RAEM a viver no exterior. A Revista Macau foi conhecer cinco casos



**DANÇA DO LEÃO
ESTÁ VIVA
E RECOMENDA-SE**



**TURISMO EM RETOMA
APOSTADO EM
DIVERSIFICAR MERCADOS**

ENTREVISTA

**ORQUESTRA DE MACAU DEVE SER
PARA TODOS, DIZ NOVO MAESTRO**





澳門大賽車博物館
MUSEU DO GRANDE PRÉMIO DE MACAU
MACAO GRAND PRIX MUSEUM

Sintam o
Museu do Grande Prémio!
Adquira o seu bilhete
no museu ou online

<https://eticket.macaotourism.gov.mo>



Add : Rua de Luís Gonzaga Gomes n.º 431, Macau
Webside : mgpm.macaotourism.gov.mo



PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | **FAX** (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA

Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | **FAX** (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



DE VOLTA A CASA ◀ 8

São cinco talentos locais que, após uma temporada a estudar e trabalhar no exterior, decidiram voltar para a cidade que os viu crescer. A Revista Macau foi conhecer as suas histórias e aquilo que os motivou a regressar a Macau



TURISMO DE MACAU À CONQUISTA DO MUNDO ◀ 20

A Direcção dos Serviços de Turismo tem em curso um ambicioso plano de promoção de Macau, para alargar o número de turistas que visitam o território



EM BUSCA DO TEMPO PASSADO ◀ 26

Paredes gastas pelo arrastar das horas e uma arte à procura de sangue novo: a relojoaria tradicional sobrevive em Macau, apesar das marcas do tempo



ENTREVISTA

“VOU TENTAR QUE HAJA MAIS VARIEDADE NA PROGRAMAÇÃO” ◀46

Lio Kuokman fala dos seus projectos enquanto maestro principal convidado da Orquestra de Macau, sem esquecer a sua carreira internacional



“Uma Faixa, Uma Rota” celebra uma década ◀38

Dez anos após ter sido lançada pelo Presidente Xi Jinping, a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” chega a 151 países e tem planos para continuar a expansão



Um mergulho nas entranhas do leão ◀60

A dança do leão continua a mexer com a comunidade local: a prática tem vindo a democratizar-se e muitos jovens não resistem ao apelo da tradição

OUTROS TEMAS

34 ▶ LIVRARIA VENG LEI DÁ NOVO USO AO INCENSO TRADICIONAL



52 ▶ FÓRUM DE MACAU GRANDE BAÍA NA MIRA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

56 ▶ DE MOÇAMBIQUE PARA O TEMPLO SHAOLIN, A HISTÓRIA DE ALEX SITOE

66 ▶ DUAS DÉCADAS DE CREATIVE MACAU

72 ▶ JIU-JITSU CRESCE EM QUANTIDADE E QUALIDADE



+MACAU

+78

Como a cidade moldou a visão de Hetzer Siu



+83

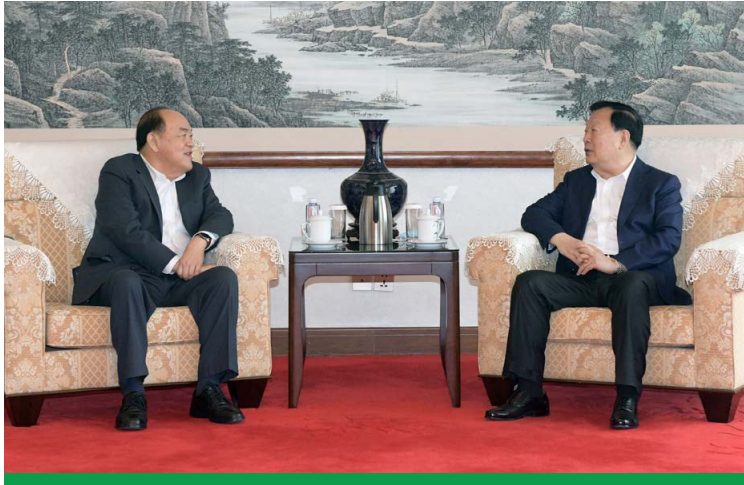
Aruna Jha, uma indiana com gosto por Macau



+86

Roteiro





© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Director Xia Baolong (dir.) durante um encontro com o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng (esq.)

Xia Baolong deixa seis exigências a Macau

O vice-presidente da 13.^a Conferência Consultiva Política do Povo Chinês e director do Gabinete dos Assuntos de Hong Kong e Macau junto do Conselho de Estado, Xia Baolong, visitou Macau entre 23 e 26 de Maio. Durante a estadia, o dirigente esteve em diversas instituições da cidade, para conhecer de perto a realidade local.

Durante um encontro com o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, e os responsáveis dos órgãos executivo, legislativo e judicial da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), Xia Baolong deixou uma lista de seis exigências para o território. Em primeiro lugar, defendeu a implementação plena, com precisão e firmeza, do princípio “um país, dois sistemas”. Em

segundo, sublinhou a importância da defesa da segurança do Estado. Xia Baolong referiu, em terceiro lugar, o fortalecimento das forças do amor pela Pátria e por Macau e, em quarto, o impulsionamento da diversificação adequada da economia de Macau. O dirigente enfatizou ainda a necessidade de aproveitar as oportunidades disponíveis em Hengqin e, por último, o aperfeiçoamento das capacidades e níveis de governação da RAEM.

Ho Iat Seng afirmou que a visita de Xia Baolong foi demonstrativa da atenção e apoio dados pelas autoridades centrais a Macau. O Chefe do Executivo acrescentou que o Governo da RAEM irá esforçar-se por implementar plenamente as exigências referidas por Xia Baolong.

POLÍTICA

Concluída revisão da lei de segurança nacional

A revisão da lei relativa à defesa da segurança do Estado foi concluída pela Assembleia Legislativa em Maio, tendo entrado em vigor no final desse mês. O diploma revê vários artigos da lei original, aprovada em 2009, tendo também aditado diversas novidades ao articulado.

De acordo com um comunicado do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), emitido após a revisão da lei, “a segurança geral do Estado enfrenta presenteemente desafios mais graves”. Nesse sentido, de acordo com o Executivo, a revisão da lei colocou-se como “indispensável” para a RAEM, tendo “um papel importante” para o território poder “responder de forma atempada e eficaz aos riscos e ameaças sobre a segurança geral”, e para “aperfeiçoar o regime do princípio ‘um país, dois sistemas’”.



© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LEGISLAÇÃO

Primeiro satélite de Macau chega ao espaço

Foi lançado com sucesso, no dia 21 de Maio, o “Macau Science Satellite-1”, o primeiro satélite científico desenvolvido em cooperação entre o Interior da China e Macau. O dispositivo possui aparelhos de medição

altamente sofisticados, sendo o satélite chinês com maior precisão de detecção do campo geomagnético terrestre.

O lançamento do equipamento teve lugar a partir do Centro de Lançamento de Satélites de Jiuquan, na Mongólia Interior, através do foguetão transportador Longa Marcha-2C.

No seguimento do lançamento, o Presidente Xi Jinping respondeu a uma carta dos docentes e estudantes da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa) envolvidos no projecto. Na missiva, Xi Jinping elogiou o entusiasmo e dedicação dos professores e alunos da MUST, reconhecendo os resultados obtidos no aprofundamento da cooperação entre Macau e o Interior da China na área científica e tecnológica.

© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

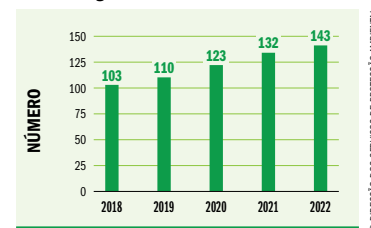


Lançamento do “Macau Science Satellite-1”

CIÊNCIA

Instituições mais verdes

Instituições com certificação de sistema de gestão ambiental ISO14001

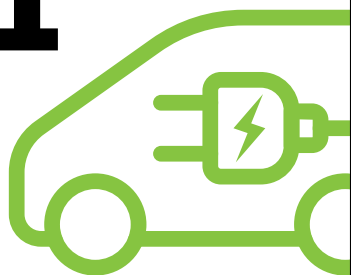


O número total de instituições de Macau detentoras de certificação de sistema de gestão ambiental ISO14001 tem vindo a aumentar nos últimos anos. Algumas empresas e organizações locais estão mesmo a expandir a sua certificação ambiental para áreas como a gestão energética.

GRÁFICO

5031

Número total de veículos eléctricos em Macau no final de 2022, valor que mais do que duplicou em apenas um ano



NÚMERO

“O Governo da RAEM irá continuar a apoiar os trabalhos de formação de quadros qualificados de diferentes níveis”

AO IEONG U

SECRETÁRIA PARA OS ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA

Discurso durante a Cerimónia de Graduação 2023 do Instituto de Formação Turística de Macau

FRASE

Cooperação em infra-estruturas

Macau recebeu no início de Junho o 14.º Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-Estruturas (IIICF, na sigla inglesa). O evento, co-organizado pela Associação dos Construtores Cívicos Internacionais da China e pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, serviu para estimular novas oportunidades de desenvolvimento do sector das infra-estruturas. No total, foram assinados 39 protocolos de cooperação, com um valor total de 670 mil milhões de dólares americanos. ▲ FOTO © CHEONG KAM KA





Parte importante de Macau

A comunidade portuguesa é uma “parte importante da sociedade de Macau” e o Governo local “reconhece plenamente o seu importante papel”. As palavras, do Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, marcaram as comemorações locais do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, e foram proferidas durante uma recepção comemorativa realizada na Escola Portuguesa de Macau. ▲ FOTO © GCS

Três décadas de Lei Básica

A Exposição Comemorativa do 30.º Aniversário da Promulgação da Lei Básica, realizada entre Maio e Junho, registou mais de 72 mil visitantes, incluindo centenas de estudantes. A iniciativa, co-organizada pela Associação de Divulgação da Lei Básica de Macau em parceria com vários departamentos governamentais, visou promover um maior conhecimento da Lei Básica do território. ▲ FOTO © DSAJ / IAM / DSEDJ





REGRESSO DE TALENTOS

**Bom filho
a casa retorna**

Deixaram Macau para estudar, ficaram no exterior para trabalhar, mas regressaram. Addison Wong Kei Hong, Ceci Kuan Weng Si, Pedro Vu Hao Man, Chan Tek Long e Harriet Wong Teng Teng, todos com menos de 40 anos de idade, integram a primeira geração de Macau em que uma parte significativa obteve formação superior lá fora. A família, o apego à terra e as oportunidades de emprego trouxeram de volta estes talentos locais

Texto | Catarina Brites Soares

HOJE é uma expressão familiar, mas há cerca de uma década o panorama era diferente. Foi nessa altura que o tema da formação de talentos locais saltou em força para a agenda pública na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). A qualificação de recursos humanos foi uma das grandes apostas do Governo a partir de 2014, ano em que foi criada a Comissão de Desenvolvimento de Talentos.

Desde então, o objectivo de formar e promover talentos locais tem sido materializado em várias políticas, entre elas medidas para atrair o regresso de quadros qualificados de Macau a trabalhar no exterior. Mesmo aquando da aprovação na especialidade pela Assembleia Legislativa, em Maio, do regime jurídico de captação de quadros qualificados – que entrou em vigor neste mês de Julho e visa atrair profissionais do exterior –, a Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, Ao Ieong U, salientou a prioridade do Governo em garantir o regresso a Macau de residentes altamente qualificados que trabalhem no estrangeiro.

Dados disponíveis na página electrónica oficial da Comissão de Desenvolvimento de Talentos referem que mais de 100 mil residentes de Macau vivem lá fora. “Para além dos que estão a estudar no exterior, muitos dos que residem no estrangeiro são elites e quadros qualificados e especializados”, sublinha o organismo, que possui um grupo especializado de incentivo ao regresso de talentos a Macau e gere uma plataforma de informações sobre o retorno de quadros qualificados à RAEM.

Dados referentes a meados de Abril mostram que existiam cerca de 3400 residentes de Macau a viver no exterior inscritos no Sistema de Registo de Dados de Quadros Qualificados, sob a alçada da Comissão de Desenvolvimento de Talentos: a maioria estava no Interior da China e em Hong Kong, mas havia registos de indivíduos a viver um pouco por todo o mundo, desde os Estados Unidos a Portugal, Canadá, Japão, Austrália ou Singapura.

De acordo com um inquérito realizado na segunda metade de 2020 pela comissão, que contou com a participação de mais de 300 quadros qualificados da RAEM a viver no exterior – indivíduos com habilitações académicas de licenciatura ou nível superior –, quase dois terços dos inquiridos pretendiam regressar a Macau. No caso dos mais jovens, uma das principais motivações era a oportunidade de desenvolver uma carreira profissional a nível local, ao passo que, entre os inquiridos de meia-idade, pesava o factor da reunião com o resto da família ainda a viver na RAEM.

Quase uma década passou desde que a aposta no regresso de talentos locais começou a integrar as políticas de Macau em nome próprio: muitos dos que saíram da RAEM para estudar – uns com ajudas públicas, como bolsas de estudo, outros com recurso a fundos próprios – destacaram-se, entretanto, nas respectivas áreas profissionais. Addison Wong Kei Hong, Ceci Kuan Weng Si, Pedro Vu Hao Man, Chan Tek Long e Harriet Wong Teng Teng estão entre aqueles que, após uma experiência lá fora, decidiram regressar há alguns anos, optando por construir um novo capítulo das suas vidas no local onde tudo começou.



© DIRETOS RESERVADOS



Considero-me um sortudo por ter tido a chance de viver em ambas as culturas oriental e ocidental

“RESPONSABILIDADE DE TRAZER NOVAS PROPOSTAS”

ADDISON WONG partiu de Macau aos 16 anos porque queria conhecer o mundo. Começou com um intercâmbio em Illinois, nos Estados Unidos, e por lá ficou. Viveu quase metade da vida fora, incluindo dez anos a estudar, e garante que a experiência lhe determinou o destino. “A minha influência musical e a banda de jazz que tenho agora nasceram e cresceram graças aos EUA”, diz o artista, agora com 34 anos.

O exemplo veio da irmã mais velha, que também decidiu emigrar para estudar. Addison Wong quis seguir-lhe os passos e acabou nos Estados Unidos, onde se licenciou, fez o mestrado e trabalhou como director musical na Bushnell University, em Oregon. “Foi o melhor que me podia ter acontecido. O que aprendi com o meu chefe, um pianista muito talentoso, e a oportunidade de me poder dedicar à minha banda de jazz, contribuíram consideravelmente para que a minha qualidade musical e talento atingissem outro nível”, garante. “Considero-me um sortudo por ter tido a chance de viver em ambas as culturas oriental e ocidental. Abriu-me os olhos”, realça.

Apesar do sucesso, decidiu regressar a casa em 2020 pela falta que sentia da família e de Macau. “E da comida”, brinca. “O meu coração dizia-me que estava na altura de voltar.”

Hoje, ensina música em várias instituições de ensino superior locais. Além disso, é fundador da Associação Soul Music e director musical do coro de soul Ocean Walker e da Macau Christian Musician Fellowship. No tempo que sobra, e como freelancer, escreve música para teatro e projectos de cinema locais, colabora com a Macau Jazz Promotion Association e, entre outras coisas, ensaia uma banda de rock infantil.

Addison Wong Kei Hong

MÚSICO E INSTRUTOR DE MÚSICA

Educação no exterior

Licenciatura em Música

California State University, Estados Unidos
2008-2011

Mestrado em Música

University of Oregon, Estados Unidos
2011-2014

Experiência profissional no exterior

Director musical

Bushnell University, Oregon, Estados Unidos
2015-2020

Ainda assim, diz que recomeçar foi difícil, sobretudo como freelancer e em contexto de pandemia, que, segundo conta, agudizou a incerteza pela suspensão e cancelamento de actividades e actuações em que estava envolvido. “Mas houve um lado positivo. Face às restrições de viagem, os músicos locais acabaram por receber mais propostas para actuar em eventos e para dar aulas”, realça.

Quem vem de fora fará diferença, acredita. O que viveram e aprenderam rendeu-lhes uma perspectiva única que, para Addison Wong, os distingue e torna mais competitivos. Não são só ganhos, avisa: “Os que saíram e voltaram também têm a responsabilidade de trazer novas propostas e ajudar ao desenvolvimento da região”. ◀



© CHEONG KAM YU



As minhas aulas
e os conteúdos
que uso são
fruto da minha
passagem pelo
estrangeiro

“CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE”

“FOI uma das melhores decisões que tomei. Tem sido crucial em todas as propostas de emprego a que me tenho candidatado”, diz Ceci Kuan sobre ter optado por tirar um mestrado em linguística no Reino Unido, na University College London, líder mundial na área da educação há uma década, de acordo com o QS World University Rankings by Subject. “Esta aposta garantiu-me uma vantagem competitiva indiscutível em circunstâncias de muita competitividade.”

Estudar fora estava nos planos. Depois de ter conseguido emprego como professora numa escola de Macau em 2015, Ceci Kuan decidiu que investiria

em prosseguir a sua formação académica nesta área no estrangeiro se gostasse de leccionar. “Percebi que seria um trabalho muito gratificante, demiti-me e fui fazer o mestrado em Londres. Não tenho dúvidas de que valeu muito a pena”, sublinha.

“Londres é uma das cidades mais vibrantes no mundo. Esta experiência deu-me a oportunidade de conhecer várias culturas além da britânica, e isso ajudou-me a valorizar prioridades como o equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal, e a não me centrar tanto no perfeccionismo em prol de outros valores que desconsiderava”, exemplifica. “É incontestável que também beneficiou muito a minha carreira. As minhas aulas e os conteúdos que uso são fruto dessa passagem pelo estrangeiro, que me tornou uma pessoa muito mais versátil, incluindo ao nível linguístico.”

Realizada, tinha decidido que só deixaria o Reino Unido se tivesse uma oportunidade de emprego na Universidade de Macau. E assim foi em 2018, quando voltou. “Acabei por aceitar porque foi o que sempre aspirei fazer.” Actualmente, Ceci Kuan lecciona na Universidade de São José.

Apesar de ter regressado a casa, a jovem continua com um pé lá fora. Os projectos no exterior, incluindo a oportunidade de leccionar em cursos e campos de formação para professores de inglês, têm feito com que não lamente a opção. “É bastante compensador constatar que o meu nome vem à cabeça quando se trata da área do inglês”, orgulha-se.

Consciente das limitações de Macau, defende que a região só tem a ganhar se conseguir que mais residentes a viver no exterior voltem para o território. “Estou certa de que o que aprenderam vai contribuir para o desenvolvimento da cidade económica e socialmente.”

Ceci Kuan Weng Si

PROFESSORA UNIVERSITÁRIA

Educação no exterior

Mestrado em Linguística Aplicada
University College London, Reino Unido
2016-2017

Experiência profissional no exterior

Marketer e tradutora
Londres, Reino Unido
2017-2018

Instrutora
College of North West London /
The University of Manchester /
University of Exeter, Reino Unido
Verão, 2018-2020



© CHEONG KAM YU



O contacto com diversas formas de interagir e trabalhar culmina sempre em novas ideias e inovação

“A ÚNICA CERTEZA NA VIDA É A MUDANÇA”

DIVERSIDADE, consciência cultural, conhecimento e cosmopolitismo são algumas das qualidades que Macau fica a ganhar com quem estuda e trabalha no estrangeiro e depois regressa, defende Pedro Vu, que escolheu o Reino Unido para estudar engenharia. “Sempre tive claro que queria ir para fora e tive a sorte de os meus pais me poderem proporcionar isso”, diz. “A oportunidade, independentemente do destino, é sempre vantajosa, quanto mais não seja pelas pessoas que se conhece. O contacto com diversas formas de interagir e trabalhar culmina sempre em novas ideias e inovação”, frisa. “O conhecimento é ilimitado. Quanto mais se sabe, mais se quer aprender.”

O engenheiro – actualmente com 30 anos e agora a trabalhar no sector segurador – esteve fora quase uma década. As poucas visitas ao território durante esse período fazem com que, embora se sinta em casa, ainda estranhe as muitas mudanças que ocorreram na sua ausência. “Além disso, e tendo-me especializado em investigação e desenvolvimento, nomeadamente desenvolvimento de produto, deparei-me com a impossibilidade de trabalhar na minha área”, admite, visto ser um sector inexistente no território.

Após uma tentativa de lançar um negócio próprio no Interior da China – gorada pela pandemia –, ingressou na empresa seguradora Manulife. Entre os vários motivos que o trouxeram em 2019 e o mantiveram em Macau, a família foi o principal. “Foi uma decisão difícil porque construí boas relações no Reino Unido e a minha carreira estava bem encaminhada. Mas, como diz um princípio em que acredito, ‘a única certeza na vida é a mudança’.”

A decisão de permanecer no Reino Unido depois de concluir os estudos foi natural, já que sentia que a área que tinha escolhido só assim seria relevante. “Antes do

último ano da faculdade, fiz um estágio na empresa internacional TE Connectivity, ao qual sucedeu uma oferta de dois anos de contrato. O Reino Unido é um local ideal atendendo ao volume de investigação e nível de desenvolvimento na minha área de formação”, explica. “Ter ficado foi determinante. Conheci pessoas fantásticas e trabalhei com colegas incríveis, gente de diferentes idades e culturas.”

Para Pedro Vu, estudar e trabalhar no exterior foi um abrir de olhos. “Sem dúvida, cresci profissional e pessoalmente graças a essa experiência, que foi decisiva para ter sucesso.” ▲

Pedro Vu Hao Man

AGENTE DE SEGUROS

Educação no exterior

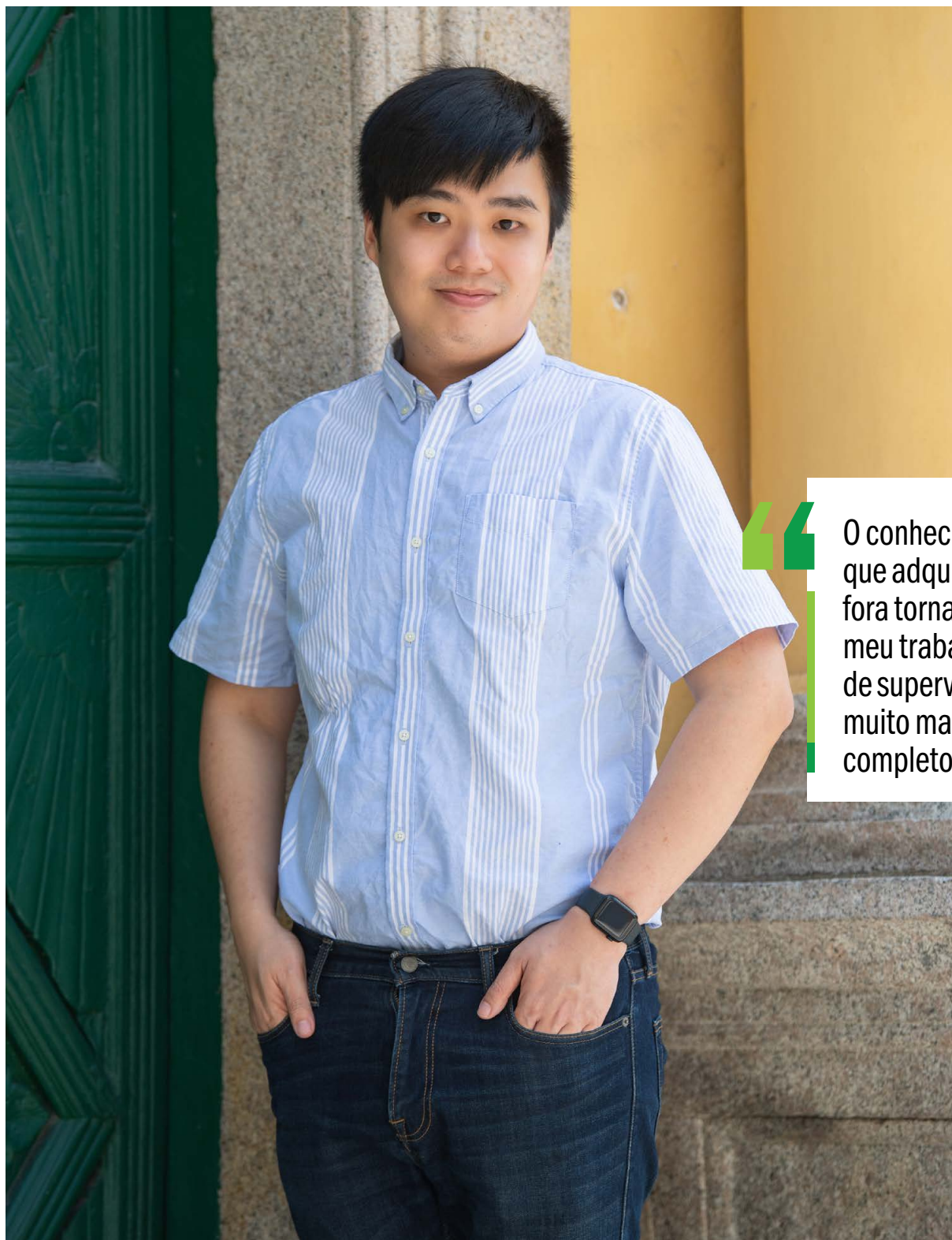
Engenharia (Foundation Degree)
Bellerbys College, Reino Unido
2010-2011

Licenciatura e mestrado em Engenharia Mecânica, University of Bath, Reino Unido
2011-2016

Experiência profissional no exterior

Engenheiro-estagiário
Parker Aerospace, Bristol, Reino Unido
2013-2014

Engenheiro R&D – Pesquisa e Desenvolvimento de Produto
TE Connectivity, Swindon, Reino Unido
2015-2019



© CHEONG KAM VA



O conhecimento
que adquiri
fora torna o
meu trabalho
de supervisão
muito mais
completo

“ESPERA-SE QUE APLIQUE A MINHA EXPERIÊNCIA”

O SENTIMENTO sobre a mais-valia de uma experiência no exterior é transversal, como confirma Chan Tek Long, que também salienta a autonomia e o cosmopolitismo que adquiriu pela decisão de ir estudar para fora. “Sair abre-nos horizontes”, realça.

O engenheiro químico, que concluiu a licenciatura com distinção, escolheu Hong Kong para os seus estudos universitários depois de um estágio no Verão de 2007 na Universidade Chinesa de Hong Kong. “É difícil encontrar uma palavra que resuma a experiência fora. Aprendi muito.”

Uma das oportunidades de que se orgulha foi ver o seu trabalho publicado em revistas académicas internacionais e de participar em actividades de intercâmbio em Taiwan. “Escolhi Hong Kong porque estaria em contacto com o mundo”, explica.

Fez a licenciatura e foi convidado a permanecer na universidade como investigador. Estava prestes a terminar o doutoramento quando soube de uma vaga em Macau, no Instituto para os Assuntos Municipais. Candidatou-se e foi chamado, mas acabou por não ser colocado. Tinha-se desimaginado de voltar quando, dois meses depois, recebeu uma chamada do organismo com outra proposta, para trabalhar na divisão laboratorial. Após avaliar os prós e contras, decidiu regressar. “Tenho a família e amigos perto. O ambiente de trabalho é muito menos stressante, os colegas são prestáveis e o nível de vida muito melhor. Sou mais feliz aqui”, afirma Chan Tek Long, actualmente com 34 anos.

Apesar de reconhecer que Macau ainda tem de elevar a sua competitividade, está certo do caminho que escolheu em 2017. “Sou responsável pelas áreas de investigação e desenvolvimento: por exemplo, de métodos de análise alimentar. Espera-se que aplique a minha experiência internacional. O conhecimento que adquiri fora fez com que hoje possa documentar-me e recorrer a fontes chinesas, mas também internacionais, o que torna o meu trabalho de supervisão muito mais completo. Acredito que o que estou a fazer pode ajudar a que a minha divisão se torne um laboratório internacional.” ▲

Chan Tek Long

TÉCNICO LABORATORIAL

Educação no exterior

Licenciatura e doutoramento em Química
Universidade Chinesa de Hong Kong, Hong Kong
2008-2017

Experiência profissional no exterior

Investigador assistente e associado
Universidade Chinesa de Hong Kong, Hong Kong
2012-2017



© CHEONG KAM YU



Sair da
minha zona
de conforto,
Macau, deu-me
coragem e força
para seguir
o sonho da
realização

“SENTI A URGÊNCIA DE ESTAR PERTO DA FAMÍLIA”

A CINEASTA decidiu deixar a terra-natal por não haver na cidade uma licenciatura especializada na área que queria estudar: cinema. “Aprender está intimamente relacionado com experimentar e explorar”, salienta. Rumou a Pequim, a primeira escolha, em 2005. “Ter de me adaptar ao clima do Norte, conhecer outras culturas e estéticas artísticas foi fabuloso, além das boas amizades que fiz”, resume.

Entre outras competências que adquiriu na Academia de Cinema de Pequim, Harriet Wong realça a possibilidade de gravar em formato 16mm e 35mm

– “um luxo que marcou uma diferença significativa” no seu percurso, assegura. “Sair da minha zona de conforto, Macau, deu-me coragem e força para seguir o sonho da realização”, acrescenta. Durante a licenciatura, conquistou vários prémios atribuídos pela academia: licenciou-se com o título de ‘distinção’ e ganhou ainda uma bolsa de estudo.

A indústria cinematográfica “grande e dinâmica” foi o que a fez permanecer no Interior da China depois de concluídos os seus estudos. Estreou-se a título profissional, após completar a licenciatura, num filme realizado pelo também cantor Wang Leehom, em Xangai. A par de Pequim, seguiram-se experiências em Vancouver – onde colaborou na produção do filme “Finding Mr. Right” –, Nova Iorque e Hong Kong. Também foi um dos seis realizadores da mini-série “Macao Stories 2 – Love in the City”. Além do cinema, acumula experiência em publicidade.

Apesar do estrangeiro continuar a ser uma constante, foi Macau que escolheu para viver, desde 2017, embora continue a passar temporadas lá fora, por motivos profissionais. “Depois de mais de dez anos a estudar e a trabalhar no exterior, senti a urgência de estar perto da família”, refere Harriet Wong, agora com 37 anos. Actualmente, e em regime de part-time para que possa ir gravando, dá aulas de produção e guionismo em universidades locais. “Viver em Macau é bastante mais fácil, apesar de a longo prazo ter de viajar bastante para que continue conectada à indústria cinematográfica. Felizmente, o cinema aqui também está a crescer”, ressalva. ▲

Harriet Wong Teng Teng

CINEASTA

Educação no exterior

Licenciatura e mestrado em Realização
Academia de Cinema de Pequim,
Interior da China
2005-2014

Experiência profissional no exterior

Editora, produtora, realizadora e guionista em cinema e publicidade
Vancouver, Canadá; Nova Iorque, Estados Unidos;
Pequim e Xangai, Interior da China; Hong Kong
2009-2022

RECUPERAÇÃO ECONÓMICA

Turismo de Macau

Sob o lema abrangente “Sentir Macau”, a Direcção dos Serviços de Turismo tem vindo a levar a cabo nos últimos meses diversas iniciativas promocionais no exterior. O objectivo é dar a conhecer ao mundo que a indústria turística local está novamente de portas abertas e pronta para receber

Texto | Emanuel Graça

A IDEIA é simples: o turismo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) está de volta e quer alargar as suas fontes de clientes. Essa é a mensagem que os representantes da Direcção dos Serviços de Turismo (DST), em parceria com a indústria, estão a tentar passar para o exterior, através de uma série de iniciativas e eventos não só na Grande China, mas também em vários mercados internacionais.

Para além de promoções online e presenciais, a DST tem vindo a lançar várias ofertas especiais, no sentido de mover esforços para expandir as fontes de visitantes para o território. A isso somam-se visitas organizadas à RAEM para operadores turísticos, imprensa e influenciadores digitais de diferentes mercados, desde o Interior da China à Coreia do Sul, para que possam (re)descobrir as atracções turísticas da cidade.

Simbolizando a completa reabertura do turismo de Macau ao mundo, foi inaugurada no território, no final de Junho, a 11.ª Expo Internacional de Turismo (Indústria) de Macau (MITE, na sigla inglesa), ocupando uma área de exposição de 23 mil metros quadrados.



faz-se sentir



Pela primeira vez desde 2020, a exposição de três dias contou com a participação presencial de operadores estrangeiros, para além de representantes do Interior da China e Hong Kong. Nas palavras da directora da DST, Maria Helena de Senna Fernandes, o evento visou “promover o intercâmbio e a cooperação turística regional e internacional, diversificar as fontes de visitantes e apoiar a recuperação da indústria turística”.

Os dados indicam que a retoma da indústria turística está em curso, desde que Macau reabriu as fronteiras

e colocou fim às restrições à circulação de pessoas implementadas desde 2020, fruto da pandemia da COVID-19. Segundo a Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, entre Janeiro e Maio, chegaram a Macau mais de 9,4 milhões de visitantes, um aumento de 205,9 por cento face ao período homólogo do ano transacto. Maio foi o segundo mês consecutivo pós-COVID-19 em que a RAEM registou mais de dois milhões de turistas.

Durante o período do Dia do Trabalhador, ao qual corresponderam cinco dias feriadados no Interior



A primeira grande promoção turística de Macau num mercado internacional asiático no pós-COVID-19 decorreu em Junho na Tailândia

9,4 milhões

Número total de visitantes que Macau recebeu entre Janeiro e Maio

da China, Macau recebeu cerca de 493 mil visitantes, entre os quais 376 mil provenientes do Interior da China e 89 mil de Hong Kong. O número médio diário de turistas foi de cerca de 99 mil, registando-se um “grande fluxo de pessoas nos pontos turísticos de Macau, Taipa e Coloane”, sublinha a DST. Em comparação com o mesmo período de 2019, o número total de visitantes correspondeu já a uma recuperação de 62 por cento.

Alargar fontes de visitantes

Na nova fase pós-COVID-19, as autoridades da RAEM não estão apenas preocupadas em estimular um aumento do volume de turistas. Um dos objectivos para o sector turístico local pós-pandemia é que consiga atrair visitantes de geografias mais variadas, reduzindo o foco na Grande China.

De acordo com o Secretário para a Economia e Finanças, Lei Wai Nong, nos primeiros quatro meses do ano, “foi registado um aumento de 2,7 vezes no número médio diário de visitantes internacionais em Macau, passando de 977 em Janeiro para 3630 em Abril”. Segundo declarações do governante em Junho na Assembleia Legislativa, “a capacidade das ligações aéreas internacionais ainda está longe do nível de 2019, todavia, em Abril, o número médio diário de turistas internacionais recuperou para cerca de um quarto do valor registado em 2019, mantendo uma tendência ascendente”. Em Maio, o território recebeu mais de 100 mil turistas estrangeiros, repetindo o resultado de Abril.

Desde a reabertura do território ao turismo internacional, a DST já levou a cabo várias actividades

promocionais fora da Grande China, para dar maior visibilidade ao destino Macau. A primeira grande iniciativa do género decorreu na capital portuguesa, Lisboa, em Abril, coincidindo com a visita do Chefe do Executivo ao país. O evento teve como objectivo apresentar as mais recentes novidades de Macau a nível turístico não só junto da população portuguesa, mas também de turistas em visita à capital lusa.

Seguiu-se, em Junho, uma iniciativa similar em Banguecoque, na Tailândia, também sob o lema “Sentir Macau, Sem Limites” e com duração de três dias. Foi a primeira promoção turística de grande envergadura realizada pela DST num mercado internacional asiático no pós-COVID-19. Em 2019, antes da pandemia, Macau recebeu mais de 150 mil visitantes da Tailândia, sendo então o décimo maior mercado emissor de turistas para o território. De acordo com a DST, o país do sudoeste asiático é considerado um “mercado com potencial”.

Em Maio, e a convite da DST, operadores turísticos de Singapura, Malásia e Tailândia tinham já realizado uma visita de familiarização a Macau, acompanhada de contactos empresariais, com o objectivo de explorar em primeira mão os novos elementos turísticos da cidade. A delegação, composta por mais de 50 representantes, visitou vários pontos turísticos e resorts de grande dimensão, bem como pôde provar a gastronomia típica de Macau.

Entretanto, a DST tem vindo a cooperar com companhias aéreas, plataformas de comércio electrónico e agências de viagens online para oferecer aos visitantes internacionais descontos em bilhetes de avião e alojamento em hotéis durante visitas a Macau. De acordo com o Secretário para a Economia e Finanças, as autoridades locais estão também a negociar formas de cooperação com companhias aéreas que pretendam retomar os voos de e para a RAEM, “de forma a atrair turistas para visitar e prolongar a sua estadia em Macau”.

Parceiros de peso

As seis concessionárias de jogo do território desempenham um papel de relevo na estratégia governamental



Ferramenta de desenvolvimento comunitário

PARA lá de promover a simples revitalização do turismo, o Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) pretende utilizar o sector como ferramenta de desenvolvimento sustentável. Sob a estratégia de diversificação económica “1+4”, pretende-se utilizar a indústria do turismo e lazer como elemento basilar para apoiar quatro sectores considerados de desenvolvimento prioritário, nomeadamente a indústria de saúde e bem-estar, a indústria de finanças modernas, a indústria de tecnologia de ponta e a indústria de convenções, exposições e comércio, cultura e desporto.

Noutro âmbito, o turismo comunitário é visto como uma forma de estimular o crescimento económico em diferentes zonas da cidade. Para promover o turismo comunitário no território, a Direcção dos Serviços de Turismo (DST) aprovou a concessão de apoio financeiro a vários projectos específicos. Mais de 40 projectos

foram aprovados, os quais devem decorrer até 31 de Dezembro. O tipo de iniciativas cobertas vai desde passeios costeiros a actividades gastronómicas e enológicas, decorrendo numa miríade de localizações, desde o Centro Histórico de Macau ao Porto Interior e a zona da Barra, entre outros. Até 15 de Junho, os quatro projectos já concluídos tinham atraído a participação de mais de 418 mil pessoas, envolvendo directamente 245 empresas, de acordo com dados da DST.

Além disso, entre Janeiro e Abril, o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau coordenou a visita a vários bairros da RAEM por parte de mais de 15 mil turistas, participantes em convenções e exposições a decorrer no território. A iniciativa, que continua em curso, visa contribuir para apoiar as pequenas empresas locais, potenciando o “efeito multiplicador” do turismo junto da comunidade. ▲

de diversificação de fontes de turistas para Macau no pós-COVID-19. As operadoras comprometeram-se nos respectivos contratos com o Governo, que entraram em vigor no início deste ano, a executar um conjunto de propostas relativas à expansão dos mercados de clientes de países estrangeiros. A exemplo disso, uma das operadoras levou a cabo em Junho uma acção promocional de três dias em Singapura, tendo-se feito acompanhar por uma delegação de cerca de 200 representantes de Macau, incluindo de várias pequenas e médias empresas.

Maio foi o segundo mês consecutivo pós- COVID-19 em que a RAEM registou mais de 100 mil turistas internacionais

Do lado das concessionárias, existem compromissos para desenvolver uma panóplia de iniciativas não-jogo: nos últimos meses, sucederam-se os concertos com artistas internacionais como as sul-coreanas Blackpink ou o canadiano Paul Anka. Para os próximos meses, estão previstas actuações do grupo irlandês Westlife, bem como diversos eventos desportivos de grande dimensão, apoiados pelas operadoras locais.

“O Governo da RAEM estimula proactivamente as concessionárias de jogo a iniciar de forma gradual novos planos em prol do desenvolvimento dos elementos não relacionados com o jogo, nomeadamente nos âmbitos de turismo comunitário, eventos desportivos,

cultura e arte, e diversões temáticas”, garantiu o Secretário para a Economia e Finanças em declarações em Junho. O objectivo é “aumentar a competitividade internacional da indústria e atrair a Macau visitantes diversificados e de qualidade”, segundo Lei Wai Nong.

As autoridades locais têm igualmente vindo a retomar a sua participação presencial em fóruns internacionais ligados ao turismo. Em Junho, a directora da DST participou num conjunto de reuniões da Organização Mundial de Turismo, realizadas em Phnom Penh, no Camboja, onde fez um retrato da situação mais recente da indústria turística local desde a plena abertura ao exterior da cidade no início do ano.

Reactivar mercados

A aposta em alargar o número de visitantes internacionais para Macau decorre em paralelo com iniciativas dedicadas ao Interior da China e Hong Kong, historicamente as duas principais fontes de turistas para Macau. Também Taiwan tem sido fruto de atenção especial por parte da indústria turística local.

Ainda em meados de Junho, representantes da DST – acompanhados por mais de 30 operadores turísticos e hoteleiros – participaram na 37.ª Feira Internacional de Turismo de Hong Kong e na 18.ª Expo de Viagens de Convenções e Exposições, também na cidade vizinha. O objectivo foi divulgar as últimas novidades referentes ao turismo de Macau junto de compradores, operadores turísticos, clientes empresariais e público em geral.

Entretanto, a DST continua com a iniciativa “Semana de Macau” no Interior da China. A paragem mais recente teve lugar na cidade de Qingdao, na província de Shandong, em Junho. A vertente de promoção de rua do evento, que decorreu durante cinco dias, atraiu 200 mil participantes, de acordo com a DST. Além disso, as transmissões do evento ao vivo através de diversas redes sociais registaram um número acumulado de visionamentos superior a 130 milhões. No mês anterior, a DST, em colaboração com a Air Macau, tinha convidado 46 operadores turísticos do Interior da China para uma visita de familiarização de quatro dias à RAEM. ◀



RELOJOARIA TRADICIONAL

A resiliência do tempo

Houve uma época em que eram muitas, mas, hoje, as lojas tradicionais de relógios têm o seu papel diminuído, com os “smartwatches” a tomarem conta dos pulsos das novas gerações. Seguindo as passadas de quem ainda domina a arte de contar as horas e minutos de forma mecânica, a Revista Macau embarcou numa viagem no tempo para conhecer a história de duas destas lojas e dos seus mestres relojoeiros

Texto | Vitória Man Sok Wa

Fotografia | Cheong Kam Ka

COM 77 anos, Chong Pang Neng é o proprietário da relojoaria Chong Kei, negócio centenário de venda e reparação de relógios fundado pelo pai. O espaço é uma das lojas tradicionais de relógios que subsistem em Macau, sobretudo nas zonas antigas da cidade, e que, nalguns casos, ainda comercializam produtos dos anos 1970 e 1980.

Para a Chong Kei, tudo começou numa tenda localizada à frente do Templo de Lin Kai, no bairro de San Kio. Nos idos anos 1970, Chong Pang Neng e os irmãos tomaram conta do negócio: com as vendas a crescer, a tenda deu lugar a uma loja de pedra e cal. O que permaneceu inalterado, apesar da passagem do tempo, foi a perícia com que Chong Pang Neng excuta a delicada tarefa de reparar relógios mecânicos. O veterano profissional explica que conta já com 73 anos de experiência, uma aprendizagem que começou era ainda criança.

“Nunca fui à escola. Quando tinha quatro anos, comecei a ‘brincar’ com relógios e fui aprendendo com o meu pai”, conta, recordando que o pai recolhia, estudava e depois reparava relógios antigos – e os seus componentes –, para posteriormente os revender.

“Ele salientava sempre que a relojoaria era um trabalho manual seguro para ganhar a vida, e que, por isso, todos os filhos tinham de aprender a fazê-lo”, recorda Chong Pang Neng.

Desmontar relógios e conhecer os seus componentes e funcionamento eram a única forma de entretenimento para Chong Pang Neng durante a infância. Mas foi também uma importante escola: o agora mestre relojoeiro sublinha que talento, mas também perseverança, são essenciais para a profissão.

“Antes de tudo, tremores nas mãos não são permitidos: é preciso estar sempre muito calmo. Por um lado, é necessário examinar o interior do relógio ao detalhe, para conseguir descobrir a causa de um problema e para o resolver. Por outro, sempre que estamos

a mexer num relógio, temos de ter atenção, para não o estragar.”

Anos 1980, década dourada

As reformas levadas a cabo por Deng Xiaoping, a partir de 1979, no Interior da China, tiveram o efeito de levar a uma maior abertura económica do lado de lá das Portas do Cerco. Tal tornou os relógios numa mercadoria muito procurada no Interior da China, dando um enorme impulso à indústria dos relógios em Macau e estimulando o seu rápido desenvolvimento, diz Chong Pang Neng. “Nessa altura, um relógio valia o mesmo que um anel de ouro no Interior da China”, recorda. “Alguns clientes meus ganharam muito dinheiro a revender relógios.”

Chong Pang Neng confessa que o sucesso que o negócio atingiu durante a década de 1980 lhe deu a oportunidade de investir em imobiliário. Hoje, com loja própria, pode continuar com o negócio sem preocupações com eventuais subidas de renda.

Contudo, o veterano mestre relojoeiro lamenta o declínio da arte e das lojas tradicionais de relógios em Macau. “Na década de ouro para o sector, havia muitas lojas de relógios e relojoeiros na zona da Avenida de Almeida Ribeiro”, lembra, acrescentando que várias fecharam portas. Para isso contribuiu o impacto do tufão Hato, que atingiu Macau em Agosto de 2017, levando a grandes inundações nas zonas antigas da cidade. “Muitas lojas de relógios foram afectadas e muitos relógios antigos e preciosos ficaram danificados”, diz.

Um factor a afectar o sector da relojoaria tradicional é a crescente popularidade dos relógios inteligentes – também conhecidos como “smartwatches” –, aponta Chong Pang Neng. “Como consequência, a indústria está a encolher rapidamente.”

Apesar dos desafios, o negócio da relojoaria Chong Kei continua hoje, como no passado, a passar pela venda e reparação de relógios. No espaço, é possível encontrar relógios “vintage” novinhos em folha: são os chamados produtos “new old stock”, ou seja, itens originais – neste caso, das décadas de 1970 e 1980 – que



Para se ser
relojoeiro é
preciso talento.
Antes de mais,
o relojoeiro
tem de ter
sensibilidade
nas mãos

CHONG PANG NENG
PROPRIETÁRIO DA
RELOJOARIA CHONG KEI

nunca foram vendidos. Estes relógios fazem as delícias dos amantes da relojoaria “vintage”, usualmente oriundos de Hong Kong, que visitam a Chong Kei em busca de tesouros.

Chong Pang Neng garante que os relógios antigos têm melhor qualidade do que os actuais modelos, devido aos processos de fabrico e componentes então usados. “Por exemplo, só o movimento de um destes relógios vale 800 patacas do preço total de 1000 patacas”, afirma.

A qualidade dos produtos, acredita, é mais um elemento que leva muitos turistas de Hong Kong à sua loja em busca de artigos “new old stock”. Mas o proprietário da relojoaria Chong Kei admite que faz uma “verificação de antecedentes” aos clientes: só os verdadeiros amantes de relojoaria têm acesso aos seus relógios mais antigos. Até, porque, sublinha, mais cedo



Muitos dos
nossos clientes
tratam os
relógios como
se fossem o
tesouro mais
importante das
suas vidas

CHAO KIN SENG
PROPRIETÁRIO DA
RELOJOARIA CHONG I

ou mais tarde, o stock irá acabar.

Ligando Macau e Hong Kong

Embora tenha também herdado o negócio do pai e tenha crescido por entre relógios, Chao Kin Seng, de 67 anos e proprietário da Relojoaria Chong I, na Rua da Barca, possui uma experiência profissional distinta da de Chong Pang Neng.

O seu pai começou por ser professor. Foi um colega, relojoeiro amador de grande talento, que o expôs a esta arte, despertando nele uma grande curiosidade e interesse pelo mundo dos relógios. Mais tarde, o pai acabaria por fundar, na década de 1960, a Relojoaria Chong I.

“O meu pai foi muito democrático. Nunca pediu aos filhos para aprenderem relojoaria e incentivou-nos

sempre a viver a vida da forma que mais gostássemos”, recorda Chao Kin Seng. Ainda assim, foi natural que ele começasse a aprender sobre relógios com o pai, quando ainda andava na escola primária.

Já no ensino secundário, Chao Kin Seng descobriu um interesse especial pelas disciplinas de mecânica e electrónica. Coincidentemente, um antigo aluno do pai era agora relojoeiro profissional em Hong Kong, abrindo a oportunidade para que Chao se mudasse para a cidade vizinha para aprender relojoaria com ele.

“A indústria relojoeira de Hong Kong é maior e mais desenvolvida do que a de Macau, mas mesmo assim é um grande apoio para Macau”, diz Chao Kin Seng. “Por exemplo, lá existem mais componentes e ferramentas para relógios, que são muito difíceis de encontrar em Macau, bem como mais fábricas e especialistas em relógios. A experiência em Hong Kong ajudou a elevar a minha reputação em Macau.”

Se, para Chong Pang Neng, a década dourada da indústria relojoeira de Macau está intimamente relacionada com a reforma e abertura económica no Interior da China, Chao Kin Seng defende que a mesma se ficou a dever ao facto de muitas fábricas de relógios electrónicos de Hong Kong terem aberto filiais em Macau nessa altura.

“Os relógios electrónicos tornaram-se populares nos anos 1980, mas a precisão necessária para

repará-los era difícil de obter. A geração mais antiga de relojoeiros consertava apenas relógios mecânicos”, recorda. “Para mim, isso foi uma coisa boa, porque gosto de estudar produtos electrónicos, mas, para o negócio, consertar relógios electrónicos requer muito tempo e esforço e, por isso, não vale a pena.”

Na Relojoaria Chong I, tanto é possível colocar um relógio para arranjar, como comprar um novo. No entanto, o proprietário confessa que é complicado conciliar as duas vertentes do negócio.

“É muito difícil trabalhar em relojoaria e fazer vendas ao mesmo tempo. Quando estou a consertar um relógio, tenho de ficar muito concentrado e é difícil servir os clientes. Sobretudo porque há clientes que gostam de nos comprar relógios devido à confiança que depositam no nosso profissionalismo e no nosso serviço.”

Ainda assim, há também benefícios, admite Chao Kin Seng. “Há clientes que vêm cá consertar um relógio e acabam por comprar mais um enquanto esperam. Muitos dos nossos clientes tratam os relógios como se fossem o tesouro mais importante das suas vidas.”

Os produtos da Chong I são todos importados de Hong Kong. Chao Kin Seng descreve a escolha do inventário como algo que pode ser arriscado. “Às vezes, tenho coragem e compro mercadoria com marcas e cores não convencionais. Não há muitas lojas que tenham coragem de importar estes produtos. No entanto, acabaram por se tornar muito populares em Macau”, garante.

Tal como Chong Pang Neng, Chao Kin Seng olha com mágoa para os efeitos do tufão Hato no sector da relojoaria em Macau, admitindo que muitos relógios “vintage” de maior valor comercial e sentimental se perderam. “Não quero falar sobre isso. Cada vez que me lembro disso, o meu coração parte-se”, desabafa.

Da paixão à colecção

Face à competição dos “smartwatches” e dos relógios electrónicos, as lojas tradicionais de relógios de



Na Relojoaria Chong I, há relógios “vintage” de diferentes marcas e modelos

Macau têm vindo a encontrar nos coleccionadores e nos apreciadores de artigos “vintage” um nicho de negócio.

O presidente da Associação dos Coleccionadores de Antiguidades de Macau, Augusto C. A. Gomes, é um ávido apreciador de relógios “vintage”. Possui uma colecção com cerca de 100 relógios, alguns deles já com mais de 100 anos, fruto de quatro décadas de coleccionismo.

O coleccionador diz que, na década de 1970, os relógios eram vistos como algo de muito relevante para as pessoas. E ele não foi excepção. “Quando comecei a trabalhar, comprei um relógio para me motivar”, conta. “Acabei por descobrir que esse relógio era muito importante para mim. Aos poucos, poupei dinheiro e comprei um relógio mais caro. Deste modo, acabei por desenvolver um amor por relógios, e, ainda hoje, os continuo a coleccionar.”

Augusto Gomes recorda que, então, os salários não eram muito elevados. Por isso, aos fins-de-semana, o entretenimento de muitos passava por fazer uma “caça ao tesouro” na zona da Travessa do Armazém Velho, onde existia uma das feiras de antiguidades mais populares de Macau, na qual era possível encontrar relógios em segunda mão. Desta forma, as visitas ao mercado contribuíram para consolidar o seu interesse por relógios antigos.

Se a aventura de coleccionar relógios “vintage” começou na Travessa do Armazém Velho e passou depois para as lojas de antiguidades e lojas de penhores, hoje, o canal mais usado pelo coleccionador – também para se informar – é a Internet. A maioria dos seus relógios foram adquiridos em Macau e Hong Kong, mas possui modelos comprados no Japão, Taiwan e outras paragens.

Para Augusto Gomes, o valor de um relógio não passa pela marca nem pelo preço, mas sim pela atracção que desperta. “Além disso, deve verificar-se também o ano e as informações disponíveis sobre o relógio, para ver se se trata de uma edição limitada, verificar o preço original e comparar com o valor actual”, explica.



Comprar relógios para revender é investimento, não é coleccionismo

AUGUSTO C. A. GOMES
PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO
DOS COLECCIONADORES
DE ANTIGUIDADES
DE MACAU

Paixão é paixão e Augusto Gomes garante que nenhum relógio da sua colecção está à venda. “Comprar relógios para revender é investimento, não é coleccionismo”, afirma.

De resto, o coleccionador mostra-se preocupado com a falta de sangue novo entre os relojoeiros locais, o que dificulta a manutenção da actividade a longo prazo. “Para se tornar num mestre relojoeiro, uma pessoa precisa de começar a aprender esta arte desde jovem e adquirir muita experiência. Tem de se saber conservar qualquer modelo e estar familiarizado com todos os tipos e marcas de relógios”, explica. “Antigamente, para ajudar financeiramente a família, muita gente precisava de começar a trabalhar quando tinha 15 ou 16 anos. Agora, ninguém quer trabalhar em relojoaria.”

Tanto Chong Pang Neng como Chao Kin Seng confirmam o cenário: as gerações mais novas das respectivas famílias não planeiam continuar a tradição. “Para se ser relojoeiro é preciso talento. Antes de mais, o relojoeiro tem de ter sensibilidade nas mãos. Depois, precisa de ter um nível de inteligência emocional elevado, porque é necessário manter a calma e ser-se firme. Não é toda a gente que tem capacidade para a relojoaria”, refere Chong Pang Neng.



Já Chao Kin Seng sublinha a experiência que é necessário acumular até atingir a excelência. “Leva pelo menos três anos para aprender esta prática, antes de alguém se tornar num relojoeiro júnior. Depois, são precisos, pelo menos, dez anos para essa pessoa se tornar num mestre respeitado.”

Ambos os relojoeiros acrescentam que, como o salário não é elevado e a profissão implica tempo, talento e esforço, existem hoje poucos jovens de Macau a dedicar-se a esta área. Uma das exceções – mas proveniente do Interior da China – é Mo Jinlong, funcionário da Relojoaria Chong I.

“Comecei como vendedor numa empresa de relógios em Zhuhai. Aos poucos, desenvolvi um forte interesse pela área da relojoaria e comecei a sentir-me orgulhoso por poder ajudar os clientes com o meu

conhecimento sobre os modelos”, conta. “Além disso, esta é uma profissão que não requer muito esforço físico. Por isso, comecei a aprender relojoaria.” Foi por indicação do seu antigo chefe em Zhuhai – amigo de Chao Kin Seng – que acabou na Chong I em Macau.

Chong Pang Neng mostra-se satisfeito com o facto de a relojoaria estar a crescer no Interior da China. “Há muitos jovens que vivem em aldeias e gostariam de aprender relojoaria para ganhar a vida nas cidades, especialmente porque esta é uma profissão que não requer muito esforço físico. Gosto de ver vídeos sobre relojoaria no TikTok: os jovens relojoeiros chineses são muito profissionais”, diz o septuagenário, acrescentando que, para um relojoeiro, independentemente da idade, é importante acompanhar a evolução dos tempos. ▲

O casal Wong Keng Si e Chen Yi Hsin
(re)abriu a Livraria Veng Lei em 2021



MARCA DE MACAU

Renovar para recuperar a tradição

Visitar a Papelaria Veng Lei pela primeira vez é uma caixinha de surpresas: ao contrário do que o nome português indica, a loja não vende artigos escolares, mas sim incenso, de diferentes formas e fragrâncias. Mais: apesar do nome Veng Lei ter nascido há oito décadas em Macau, o estabelecimento na Rua das Estalagens abriu há pouco mais de dois anos. Confuso? A Revista Macau foi conhecer melhor esta marca local, agora revitalizada

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

MACAU é amplamente (re)conhecida pelos seus biscoitos de amêndoa e pastéis de nata. No entanto, na história da cidade cabem outras indústrias, outrora pujantes, mas agora praticamente inexistentes. “Esperamos que um dia, todas as pessoas de Macau nos conheçam e compreendam os nossos produtos, tal como acontece com os produtos icónicos de agora”, diz o casal Wong Keng Si e Chen Yi Hsin, fundadores da renovada Papelaria Veng Lei, conhecida em inglês como Veng Lei Laboratory.

O produto a que se referem é o incenso – ou pivetes, como são denominados localmente os pauzinhos de incenso – que, a par com os fósforos e os panchões, integrava o grupo das principais indústrias artesanais de Macau em meados do século XX. A Papelaria Veng Lei original era uma das muitas lojas existentes em Macau no auge do sector.

Inicialmente inaugurado em 1942, o estabelecimento foi fundado por Chan Lai – avô de Wong Keng Si –, mas já então não vendia material escolar ou de escritório. A designação de “papelaria” deveu-se antes a um desencontro cultural: além de incenso, o estabelecimento comercializava lingotes de ouro feitos em papel e outros artigos do género, utilizados pela comunidade chinesa para queima em rituais religiosos, fruto de misturas de taoismo, budismo e folclore regional. Perante os artigos de papel, a então administração portuguesa do território assumiu tratar-se de uma papelaria. Como o fundador do negócio não sabia português, a designação ficou, explica Wong Keng Si.

A loja ficava na zona da Praia do Manduco. Muitos dos seus clientes eram pescadores, que aí se abasteciam para realizar oferendas e outros rituais em busca de protecção divina, antes de irem ao mar.

O estabelecimento original encerrou portas em 1985, numa altura em que as vendas estavam já em queda, para dar lugar a uma estrada, fruto de um



A Veng Lei original encerrou em 1985

processo de reordenamento urbano. O que não desapareceu foi o marco histórico da indústria de fabrico de pivetes a nível local, a qual passaria a integrar o Inventário do Património Cultural Intangível de Macau em 2020. Um ano depois, a Veng Lei (re)abriu portas, mas num formato distinto.

Reformular de forma criativa

Na nova vida da Veng Lei, um dos objectivos foi manter as práticas tradicionais de fabrico de incenso, mas dar um novo uso ao produto final. Segundo Wong Keng Si e Chen Yi Hsin, para ser sustentável, o negócio tinha de ser transformado, de forma a ser mais inovador e atractivo para as novas gerações. Assim, o incenso produzido na Veng Lei passou a ter finalidades de purificação e perfume do ambiente, mas também de promoção da saúde e calma interior.

Os produtos são muito diferentes dos pivetes tradicionais, a começar pela embalagem: há incensos de vários aromas, desde flores a frutos, passando por uma gama dedicada a Macau. “Acreditamos que uma ligação entre



A nossa
essência
continua a ser
o incenso, a
nossa história
temática
continua
baseada
nas crenças
religiosas
de Macau

WONG KENG SI
CO-PROPRIETÁRIO
DA LIVRARIA VENG LEI



as histórias de Macau e os aromas pode ser uma forma eficaz de divulgar a cultura local”, explica Chen Yi Hsin.

Aloja pode criar incenso com aromas “à medida”, nota a co-proprietária. “Quando os clientes vêm à procura de certas sensações – por exemplo, querem sentir-se na floresta –, então, introduzimos no incenso esse tipo de aroma.”

A Veng Lei também vende estampas, amuletos, postais e outros produtos culturais e criativos. A ligação à loja original não está perdida: no estabelecimento actual, ainda é possível encontrar produtos para fins religiosos e de veneração das divindades.

Ao reposicionarem o incenso tradicional, Wong Keng Si e Chen Yi Hsin querem trazer os jovens para mais perto das suas raízes. “A nossa essência continua a ser o incenso, a nossa história temática continua baseada nas crenças religiosas de Macau, mas a nossa forma de as preservar pode ser criativa e atractiva”, afirma Wong Keng Si.

Preservar para o amanhã

Nascido e criado em Macau, Wong conheceu a formosura Chen Yi Hsin quando ambos estudavam cinema em

Tainan, em Taiwan. Ela mudou-se depois para Pequim para prosseguir os seus estudos, enquanto Wong Keng Si se manteve em Taiwan, a completar um mestrado. Em 2020, já reunidos na capital chinesa – ele a trabalhar na indústria cinematográfica, ela empregada numa empresa de publicidade –, viram a pandemia da COVID-19 interromper a sua rotina. Foi então que nasceu a ideia de relançar a Veng Lei – pouco tempo depois, estavam em Macau para lançar mãos à obra.

Embora Wong Keng Si tenha nascido já após o fecho da loja original e depois do falecimento do seu avô, a história e tradições familiares foram-lhe passadas pela avó, que também o introduziu no mundo de fabricar incenso de forma manual. A essa base, o casal somou a sua experiência na arte de bem contar uma história, fruto do seu tempo na indústria cinematográfica: o guião para o sucesso estava pronto.

“Havia estas três grandes indústrias em Macau no passado”, explica Chen Yi Hsin. “Pensámos que, naturalmente, estes pivetes, ou incenso, que fabricamos, carregavam uma certa cultura e história, uma memória com valor para Macau.”

A primeira apresentação da Veng Lei foi sob a forma



Os artigos de incenso comercializados na Veng Lei são produzidos de forma artesanal

de loja “pop-up”, isto é, de formato temporário. A experiência correu bem e, alguns meses depois, (re)abria a Papelaria Veng Lei, agora na Rua das Estalagens, cravada numa das zonas mais antigas da cidade, não muito longe do Templo do Bazar. Para a decoração, os proprietários usaram artefactos da Veng Lei original, reutilizando ainda algumas das gaiolas de pássaros vazias que tinham encontrado no novo espaço – o edifício fora antes a casa da famosa loja Aves Estimação Va Yun, já encerrada.

A fim de darem continuidade à preservação da prática do fabrico de incenso, Wong Keng Si e Chen Yi Hsin têm trabalhado ininterruptamente para aperfeiçoar o seu domínio técnico, até porque há diferenças entre a produção de incenso ritual e incenso aromático. Aquele que produzem segue o método “hexiang”, em que cada pivete é fabricado individualmente de forma manual, mas que dá origem a um artigo final de maior qualidade.

Inicialmente, foi um processo de tentativa e erro, admite Wong Keng Si. Demorou algum tempo até

conseguirem calibrar os níveis de moagem, acertar na proporção dos diferentes materiais e compreender qual o nível de humidade ambiente adequado para a produção de incenso. “É um processo de constante aprendizagem”, sintetiza Wong. Esse é um conhecimento que também procuram passar a outros, através de workshops e seminários.

A Papelaria Veng Lei ganhou nova vida há mais de dois anos, mas o co-proprietário diz que ainda é necessário elevar a visibilidade da marca. “Dizemos sempre que Macau é um mercado pequeno, mas, mesmo assim, ainda não nos conseguimos dar a conhecer a todas as pessoas.”

O empresário sublinha que o incenso faz parte da cultura e das crenças locais, estando enraizado na comunidade. “Não é possível que toda a gente goste dos nossos produtos, mas esperamos ser compreendidos e reconhecidos”, afirma. “Este é um dos nossos objectivos.” ▲

VER VÍDEO AQUI



UMA FAIXA, UMA ROTA

Dez anos na rota

A iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, lançada há uma década pelo Presidente Xi Jinping, conta actualmente com o envolvimento de 151 países, tendo estado na base, desde 2013, de vários projectos visando uma maior interligação entre as nações participantes. Macau também tem um papel a desempenhar no seio da iniciativa, fazendo uso das suas funções enquanto plataforma

Texto | Marta Melo

Foi em Setembro de 2013 que o Presidente Xi Jinping propôs, no Cazaquistão, a criação de um novo corredor de desenvolvimento entre a China e os



do sucesso

países da Ásia Central, que denominou de “Faixa Económica da Rota da Seda”. Através da construção de rotas terrestres – a que se somariam marítimas –, a China pretendia impulsionar uma maior ligação entre a Ásia, a Europa e a África, promovendo o comércio e os canais de transporte: estavam lançadas

as bases da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, que celebra este ano uma década de existência.

A iniciativa tem um “carácter holístico de terra e mar”, a que se juntam também “corredores digitais”, observa Paulo Duarte, investigador na Universidade do Minho, em Portugal. Já na opinião da também académica portuguesa Fernanda Ilhéu, a iniciativa tem um grande enfoque nas infra-estruturas, com o objectivo de facilitar a circulação de pessoas e mercadorias a nível transnacional.

Neste contexto, explica Ricardo Siu Chi Sen, docente da Faculdade de Gestão de Empresas da Universidade de Macau, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tem uma função, “em grande parte, de plataforma de comércio e serviços financeiros”. Tal, acrescenta, enquadra-se no papel do território no âmbito da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e como plataforma de serviços para a cooperação comercial entre a China e os países de língua portuguesa.

Na direcção certa

A iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” é uma designação simplificada que

abrange duas noções distintas: a “Faixa Económica da Rota da Seda” e a “Rota Marítima da Seda para o Século XXI”. O objectivo primordial da iniciativa é aproveitar as milenares rotas da seda partindo da China para promover uma articulação ao nível das estratégias de desenvolvimento dos vários países participantes, desde a Ásia à Europa, passando por África.

O conceito “Uma Faixa” envolve três corredores terrestres principais: da China à zona do Mar Báltico, na Europa, via Ásia Central e Rússia; da China ao Golfo Pérsico e ao Mar Mediterrâneo, através da Ásia Central e Ásia Ocidental; e da China ao Sudeste e Sul da Ásia e ao Oceano Índico. Já o conceito “Uma Rota” abrange dois corredores marítimos prioritários: dos portos do litoral da China via Oceano Índico à Europa, através do Mar do Sul da China; e dos portos do litoral da China ao Pacífico Sul, também através do Mar do Sul da China. No entanto, de acordo com as autoridades chinesas, a participação está igualmente aberta a países de outras geografias interessados em envolver-se na iniciativa.

Um dos textos de referência para compreender o conceito “Uma Faixa, Uma Rota” foi publicado cerca de um ano e meio após o discurso de Xi Jinping no Cazaquistão. Em Março de 2015, a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e



o Ministério do Comércio da República Popular da China lançaram o documento “Visão e Acções para a Construção Conjunta da Faixa Económica da Rota da Seda e da Rota da Seda Marítima do Século XXI”, detalhando os princípios e enquadramento estratégico da iniciativa. Em 2017, num discurso proferido na cerimónia de abertura do Fórum para a Cooperação Internacional “Uma Faixa, Uma Rota”, Xi Jinping resumia o objectivo final como a criação de um caminho pacífico, próspero, aberto e inovador de interligação entre diferentes civilizações.

Em Janeiro deste ano, o Turquemenistão tornou-se o 151.º país

a assinar um acordo de cooperação com a China subordinado à iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. As parcerias envolvem também 32 organizações internacionais. “Tem-se expandido muito rapidamente”, observa Fernanda Ilhéu.

Os progressos, segundo Edmund Sheng Li, docente em economia política e políticas públicas da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Macau, têm sido “significativos”. “Na última década, a iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ esteve envolvida em grandes investimentos de infra-estruturas como portos, estradas, ferrovias e aeroportos, bem como centrais eléctricas e redes de

telecomunicações”, em diversos pontos do globo, afirma o académico.

De acordo com dados do Ministério do Comércio chinês, entre 2013 e 2020, o valor das trocas de mercadorias entre a China e os restantes países abrangidos pela iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” ascendeu a 9,2 biliões de dólares americanos. Durante o mesmo período, o investimento directo chinês nesses países cifrou-se em mais de 130 mil milhões de dólares americanos.

Ricardo Siu considera que o progresso da iniciativa está na “ direcção certa”. O académico entende que a ideia central de melhorar a ligação entre a China e os



© DIREITOS RESERVADOS

O denominado “Corredor Económico China-Paquistão” é um dos projectos internacionais de infra-estruturas integrados na iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”

Lusofonia como parceiro atractivo

OS PAÍSES de língua portuguesa são considerados um mercado importante no âmbito da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. O académico Edmund Sheng Li, da Universidade de Macau, assinala o facto de representarem um mercado de 280 milhões de consumidores e de estarem “estrategicamente localizados” em vários continentes, em diversos pontos abrangidos pela iniciativa. “Os países de língua portuguesa desempenham um papel importante no transporte marítimo global, o que os torna um parceiro atractivo para a China”, refere.

São oito os países lusófonos que integram a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. De acordo com Paulo Duarte, investigador na Universidade do Minho, em Portugal, seria “interessante” utilizar a iniciativa para, por exemplo, desenvolver o turismo de Cabo Verde, “trazendo companhias aéreas chinesas”. E o mesmo em Portugal: “o voo que foi criado de Hangzhou-Pequim-Lisboa era uma fonte de crescimento económico e pode, perfeitamente, servir os interesses de um Portugal que está, aos poucos e poucos, a retomar a sua economia”.

Mais do que o potencial dos países de língua portuguesa para a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”,



© DIREITOS RESERVADOS

Portugal é um dos países de língua portuguesa que integra a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”

a académica Fernanda Ilhéu refere o papel da China no desenvolvimento destas nações. “O que a China pode fazer nesses países é [promover] plataformas de desenvolvimento, que dão origem à construção de infra-estruturas, que dão depois origem ao progresso industrial e comercial destes países.”

Fernanda Ilhéu argumenta ainda que os países de língua portuguesa têm que se industrializar e a China pode contribuir para isso, porque “conhece esse processo”, pelo qual passou recentemente. “Tem capacidade financeira e tem um mercado para depois importar alguns desses bens que irão ser produzidos nesses países”, afirma. ▲

restantes países participantes “está a ter avanços”, assim como há “progressos”, registados ao longo da última década, no bem-estar social e económico das nações abrangidas.

De Nairobi a Gwadar

As infra-estruturas abrangidas pela iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”

são importantes para o desenvolvimento económico dos países envolvidos, referem os analistas ouvidos pela Revista Macau. Para Paulo Duarte, o continente africano é “um dos expoentes máximos do bom funcionamento” da iniciativa.

No caso de África, assinala Edmund Sheng, a iniciativa abriu portas para o financiamento de

projectos necessários em muitos países, mas que não avançavam por falta de verbas. “Segundo o Fundo Monetário Internacional, o financiamento através da iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ está a preencher muitas das lacunas de longa data do continente ao nível das infra-estruturas e com resultados positivos”, afirma o académico.



A iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ é uma ideia da China, mas as respectivas oportunidades e resultados vão beneficiar o mundo

**PRESIDENTE
XI JINPING
EDIÇÃO DE 2018
DO FÓRUM BOAO
PARA A ÁSIA**

Segundo acrescenta, disso são exemplo diversos projectos ferroviários na África Oriental: “as linhas ferroviárias Nairobi-Mombaça e Adis Abeba-Djibuti abriram um potencial para um fluxo internacional de investimento”.

O denominado “Corredor Económico China-Paquistão” é outro exemplo sublinhado por Edmund Sheng. O projecto – inicialmente avaliado em cerca de 62 mil milhões de dólares americanos – visa ligar a zona oeste da China ao porto de Gwadar, no Mar Árabe. “Para o Paquistão, as ligações rodoviária e ferroviária para Gwadar representam uma grande melhoria na rede de transportes e abrem inúmeras oportunidades para a indústria e o comércio no país. Afirma-se que

a rede de ligações de transporte, de centrais eléctricas e fábricas ao longo do corredor criará até um milhão de empregos no país”, refere o académico.

Já do ponto de vista de Ricardo Siu, o “maior impacto” do investimento em infra-estruturas – como indicam vários estudos – “é baixar os custos do comércio” entre os países. “Por exemplo, a construção de melhores portos e sistemas de comunicação vai aumentar a eficiência (enquanto baixa os custos) do transporte e da informação.” Mas também “aumentará a qualidade de vida das pessoas” nos países participantes, aponta.

De acordo com um relatório do Banco Mundial, datado de 2019, espera-se que a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” ajude a tirar 7,6 milhões de pessoas da pobreza extrema e 32 milhões da pobreza moderada, até 2030. Edmund Sheng assinala que, pela sua dimensão e alcance, o projecto chinês tem potencial para aumentar o produto interno bruto mundial em até 7,1 biliões de dólares americanos por ano até 2040, reduzindo os custos do comércio global em até 2,2 por cento, segundo estudos internacionais. “A iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ é um produto de cooperação compreensiva, não um instrumento de geopolítica”, sublinha o académico.

O papel de Macau

A participação de Macau na iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” tem

sido um dos desígnios do Executivo da RAEM. Em 2018, o Governo assinou com a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma um acordo nesse sentido. O documento – denominado “Preparação para a participação plena de Macau na construção de ‘Uma Faixa, Uma Rota’” – refere áreas essenciais no que toca ao envolvimento do território na iniciativa, visando aproveitar as vantagens competitivas da RAEM.

Em Novembro do ano passado, na quarta reunião conjunta da Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma com o Governo da RAEM sobre a participação de Macau na construção da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, o director-adjunto da comissão, Lin Nianxiu, salientou então os resultados positivos já alcançados pelo território.

A “participação e apoio à construção de ‘Uma Faixa, Uma Rota’” merece um capítulo próprio no “2.º Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da RAEM (2021-2025)”. Entre os trabalhos prioritários aí definidos, estão o reforço da cooperação na área fiscal com os países e regiões abrangidos pela iniciativa, bem como o enriquecimento da função de Macau enquanto plataforma de serviços financeiros entre a China e os países de língua portuguesa. É também referido o fortalecimento do intercâmbio e da cooperação cultural internacionais.

Ricardo Siu destaca o trabalho que tem sido feito pelo Governo



Estudos internacionais estimam que a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” possa reduzir os custos do comércio global em até 2,2 por cento

© DIREITOS RESERVADOS

para promover a RAEM como plataforma de comércio entre a China e os países de língua portuguesa. Um exemplo são as várias conferências, exposições e fóruns organizados para “facilitar o comércio e a comunicação entre os países”.

Em Junho, durante o Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas, evento anual que decorre em Macau, além do lançamento habitual do “Índice do Desenvolvimento de Infra-estruturas dos Países Abrangidos pela Iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’”, foi publicado, pela primeira vez, o “Índice de Desenvolvimento de Infra-estruturas dos Países de

Língua Portuguesa”. Também em Junho, a Academia Fiscal de Macau no Quadro da Iniciativa “Faixa e Rota” organizou um curso em matéria fiscal com a participação de funcionários das autoridades tributárias dos países de língua portuguesa.

Edmund Sheng vê Macau como um “importante centro de transportes e um importante centro logístico” no âmbito da iniciativa chinesa. Para o académico, os laços históricos, culturais e económicos de Macau com Portugal “colocam a região numa posição única para servir de ponte entre a China e os países de língua portuguesa na Europa, África e América Latina”.

Na construção da plataforma de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, Edmund Sheng considera que Macau alcançou “resultados de sucesso”, mas o académico evidencia também o papel da RAEM enquanto “porta de entrada da medicina tradicional chinesa para o mundo e, especialmente, para os países ao longo da iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’”. O académico destaca o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong-Macau, em Hengqin, e a sua função em ajudar empresas do sector “a levar os seus produtos de medicina tradicional



O Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas enquadra-se entre as contribuições de Macau para a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”

chinesa e ‘know-how’ para os países de língua portuguesa”.

Motor de diversificação económica

Além da ligação à lusofonia, Ricardo Siu destaca também a função da RAEM como um porto franco entre a China e o mundo. Acresce ainda o facto de Macau, “apoiada pelo Governo Central, estar a ser desenvolvida como uma das cidades nucleares no seio da Grande Baía”.

É no contexto da Grande Baía que Fernanda Ilhéu identifica o papel da RAEM em relação à iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. A académica aponta o caminho: “Macau tem que ser ágil, se preparar, desenvolver talentos e oportunidades para criar

um espaço próprio onde o território seja único, melhor”. Segundo acrescenta, Macau deve “aproveitar” o desenvolvimento da ilha vizinha de Hengqin “para introduzir outro tipo de actividades”, não só para diversificar e tornar a economia da RAEM mais sustentável, mas para criar “oportunidades de desenvolvimento humano” em novas áreas.

Com vista ao crescimento económico sustentável, Edmund Sheng afirma que “é crucial” para Macau evoluir estruturalmente para uma “economia diversificada”. A participação na iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” pode ajudar o território “a melhorar ainda mais o seu ‘status’ internacional como um local global para conferências e congressos e poderia, até certo ponto,

contribuir para uma diversificação adequada da economia”.

Sobre o papel de Macau, Paulo Duarte entende que o lazer, mas também a educação, além da economia da Grande Baía, “seriam efectivamente pontes interessantes” para o território no seio da iniciativa

151

Número de países que integram a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. O mais recente a aderir foi o Turquemenistão, em Janeiro



O projecto chinês tem potencial para aumentar o PIB mundial em até 7,1 biliões de dólares americanos por ano, segundo alguns analistas

© DIREITOS RESERVADOS

“Uma Faixa, Uma Rota”. No entanto, o académico considera que estas áreas “estão subaproveitadas” e dá uma sugestão: a Universidade de Macau, fazendo uso do seu campus “enorme” em Hengqin, “poderia ser canalizada no âmbito de ‘Uma Faixa, uma Rota’ para construir sinergias e inclusive outros investigadores estrangeiros, e não só da China, poderem ir aí trabalhar”.

Os desafios e o futuro

O Presidente Xi Jinping sublinhou, em 2018, que “a iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ é uma ideia da China, mas as respectivas oportunidades e resultados vão beneficiar o mundo”. Na altura, o dirigente enfatizou que “a China não tem

quaisquer motivações geopolíticas” subjacentes à iniciativa, “não impondo compras e vendas” às outras partes.

Edmund Sheng defende que é “importante” para a China, no âmbito da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, promover o desenvolvimento de infra-estruturas verdes e sustentáveis. Tal visa “minimizar eventuais impactos ecológicos, reduzir a poluição e melhorar a eficiência energética, de forma a enfrentar os desafios da mudança climática global”.

Edmund Sheng considera que, quanto mais tempo passar, “mais sistematicamente estará a iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ vinculada às prioridades nacionais”. Já no contexto externo, o académico

antevê que seja “provável que haja uma competição crescente” com outras estratégias similares ocidentais.

No entanto, o conceito “Uma Faixa, Uma Rota” é uma iniciativa que Fernanda Ilhéu diz ser “progressiva” e que espelha também o “comportamento muito passo a passo e muito pragmático” da China. O que significa que, à medida que vai desenvolvendo os projectos, o Governo Central “vai vendo quais são as áreas por onde pode avançar, aquelas em que não pode avançar e aquelas onde tem mais problemas e como os contornar e resolver”. “Vai criando e procurando soluções.” E remata: “Será sempre uma iniciativa que não está concluída e que vai sendo construída”. ▲



ENTREVISTA

“A Orquestra de Macau pertence à população”

Falar com **Lio Kuokman** sobre as suas próximas actuações é dar a volta ao mundo em concertos: Paris, Dublin, Xangai... a agenda está tão repleta de viagens que o próprio maestro tem dificuldade em enumerá-las a todas. Mas agora, a somar à sua frenética carreira internacional, Lio tem em mãos um importante projecto em Macau, a cidade que o viu nascer: liderar a Orquestra de Macau. Isto para além de programar o Festival Internacional de Música

Texto | Emanuel Graça

Fotografia | Cheong Kam Ka

Foi nomeado maestro principal convidado da Orquestra de Macau no ano passado, mas só em 2023 foi possível ao público vê-lo nessa posição. De algum modo, o mesmo acontece com o seu papel como director de programação do Festival Internacional de Música de Macau: foi nomeado em 2020, mas as últimas edições do festival foram marcadas pela pandemia. Quão importante é 2023 para a implementação da sua estratégia em relação a estes dois projectos?

Em relação ao Festival Internacional de Música, fui nomeado durante a COVID-19, num período muito difícil para o festival: sendo um certame internacional, precisamos de ter artistas estrangeiros, mas

todos sabemos que, durante a pandemia, era quase impossível viajar. Quanto à orquestra, fui nomeado no ano passado, também ainda durante a COVID-19, no seguimento da saída da orquestra da alçada directa do Governo e da sua constituição enquanto empresa. O que estávamos a fazer inicialmente era levar a cabo o nosso planeamento como se a pandemia não existisse e, depois, revisitávamos o que tínhamos planeado em função da situação: como as fronteiras na altura ainda não tinham aberto, tínhamos de cancelar ou alterar os programas. Em Fevereiro, tive finalmente o meu primeiro concerto com a orquestra enquanto maestro principal convidado: fiquei muito feliz por poder estar de volta. Em relação ao Festival Internacional de Música, vamos ter um certame muito excitante em Outubro, com muitos artistas internacionais. Vai ser uma grande celebração, agora que a pandemia acabou.

O Festival Internacional de Música e a Orquestra de Macau são dois projectos que o motivam? Face à sua ampla experiência no exterior, é também uma forma de retribuir à cidade onde deu os primeiros passos para a música?

Completamente. A Orquestra de Macau foi a primeira orquestra a que assisti ao vivo. Na altura, não existiam muitos eventos musicais na cidade. Recordo-me que a orquestra era maioritariamente composta por portugueses, assim como o público. Eu e a minha mãe, enquanto asiáticos, éramos uma minoria. Quanto ao Festival Internacional de Música, foi onde tive a primeira oportunidade de assistir a actuações de artistas

internacionais. Tudo isto é realmente uma importante memória de infância para mim. Hoje em dia, estou constantemente a viajar, entre a Europa e a Ásia, mas Macau é a minha cidade e tento aproveitar qualquer possibilidade de regressar, de voltar às minhas origens.

De certa forma, é o exemplo perfeito de um “talento de Macau” que regressa para retribuir à comunidade. Isso é algo que pesa?

Não sinto qualquer peso. É uma alegria regressar, poder ver os meus antigos colegas de escola nos concertos, acompanhados pelos filhos. E é uma alegria porque vejo, cada vez mais, jovens entre o público dos concertos e que me abordam depois. Não sinto qualquer pressão, apenas alegria.

Referiu há pouco a mudança da Orquestra de Macau para o formato de empresa (ainda que detida integralmente pelo Governo). Que alterações é que isso traz, do ponto de vista da programação?

Alterações ao nível da visão da orquestra. Na próxima temporada, isso será mais claro, já sem o impacto da COVID-19. A Orquestra de Macau pertence à população de Macau. Isso significa que a orquestra deve ter programas para aqueles que gostam de música clássica de qualidade; mas, também para aqueles que nunca viram uma orquestra ao vivo, deve haver um programa que seja capaz de lhes interessar. Para mim, a Orquestra de Macau deve oferecer um espaço que todos possam frequentar para apreciar música. Por isso, vou tentar que haja mais variedade na programação, de forma a incluir programas para audiências mais jovens e para famílias, mas também procurar apresentar concertos que, pela sua qualidade, possam atrair pessoas do exterior.

Apesar do regresso a Macau, a sua carreira internacional continua bastante activa.

A minha carreira internacional começou realmente no ano em que consegui ser nomeado maestro-assistente da Orquestra de Filadélfia, que está entre as melhores nos Estados Unidos, tendo sido o primeiro maestro

Há muito futuro para
a música clássica na Ásia



Adoro tocar música,
mas adoro a sensação
de atingir algo em grupo.
E isso é o que uma
orquestra permite

chinês nessa posição. Isso realmente foi um reconhecimento das minhas capacidades e foi também o início da minha carreira nos Estados Unidos. Quando venci o Concurso Internacional de Regência Svetlanov, em França, isso lançou a minha carreira na Europa: a partir desse momento, comecei a ser convidado para vários espetáculos com orquestras europeias. Além disso, também tenho actuações na Coreia do Sul e no Japão e, claro, no Interior da China. Até ao surgimento da COVID-19, foram anos muito intensos. Mas, de repente, quase tudo parou. Uma das exceções foi Hong Kong: começou então a minha relação com a Orquestra Filarmónica de Hong Kong, para a qual fui nomeado

maestro-residente em 2020. Com o fim da pandemia, as minhas viagens começaram.

Depois de tudo o que já atingiu na sua carreira, o que falta conquistar?

Para ser sincero, estou, acima de tudo, muito grato por tudo aquilo que me aconteceu: passar de um rapazinho de Macau que foi para Hong Kong, depois para Nova Iorque, depois para Filadélfia... valorizo realmente cada momento da minha carreira. Claro, tenho muitos sonhos: algo que gostaria que acontecesse é que, um dia, uma orquestra asiática fosse reconhecida como estando ao nível das melhores da Europa ou dos Estados Unidos – onde, aliás, já há muitos músicos asiáticos. É um sonho, mas é algo que, acredito, vai acontecer em breve. Por exemplo, a Orquestra Filarmónica de Hong Kong venceu a edição de 2019 do prestigiado galardão “Orquestra do Ano”, atribuído pela revista “Gramophone” e pelo qual competem as melhores orquestras do mundo. Ou seja, acredito que há muito futuro para a música clássica na Ásia, porque há uma fome enorme em aprender esta forma de arte.

Porquê a escolha pela posição de maestro?

Adoro tocar música, mas adoro a sensação de atingir algo em grupo. E isso é o que uma orquestra permite. O simples facto de, numa grande orquestra, mais de 100 músicos serem capazes de, em primeiro lugar, atingir



Lio Kuokman durante um ensaio da Orquestra de Macau

Talento de Macau

NASCIDO em 1981, Lio Kuokman – também conhecido como Lio Kuok Man – é um dos mais destacados nomes de Macau no campo da música clássica. Além de maestro principal convidado e assessor artístico da Orquestra de Macau, é director de programação do Festival Internacional de Música de Macau e maestro-residente da Orquestra Filarmónica de Hong Kong.

A sua educação musical começa em Macau, onde aprende piano e é um dos primeiros elementos da Orquestra Sinfónica Jovem. Recordando esse período, Lio Kuokman nota o “grande desenvolvimento” que aconteceu, entretanto, no que toca à educação musical no território.

A sua aprendizagem enquanto pianista continua na Hong Kong Academy for Performing Arts e prossegue na prestigiada Juilliard School, em Nova Iorque.

Ainda nos Estados Unidos, recebe formação enquanto maestro no Curtis Institute of Music, em Filadélfia, que prossegue no New England Conservatory of Music, em Boston.

O ano de 2014 é essencial para Lio Kuokman: então com 33 anos, triunfa no Concurso Internacional de Regência de Orquestra de Svetlanov, em França: entre 450 maestros, Lio Kuokman obtém a pontuação mais elevada, recebendo também o prémio do público. No mesmo ano, é o primeiro chinês nomeado maestro-assistente da conceituada Orquestra de Filadélfia. A fechar 2014, recebe a Medalha de Mérito Cultural do Governo de Macau.

Com ampla experiência internacional, já trabalhou com orquestras de todo o mundo, da Áustria à Rússia, passando por França, Canadá, Coreia do Sul ou Japão. A agenda preenchida

é um dos motivos para que, por agora, não pense em compor em nome próprio. “Talvez mais tarde”, responde. O ritmo frenético a que se sucedem os concertos também coloca as gravações de estúdio em segundo plano – isto embora tenha recentemente completado uma gravação em França, com a Orquestra de Câmara de Paris.

Questionado sobre os seus compositores e géneros de música favoritos, o maestro diz que “apenas há boa e má música”. Na sua playlist cabe um pouco de tudo, desde jazz a pop, rock e country – e até mesmo alguns “guilty pleasures”, admite. E regressa ao início: “Boa música é boa música, independentemente do género”. Afinal, recorda Lio Kuokman, também houve uma altura em que a música clássica era música popular e em que o tema de conversa nos cafés de Viena era a nova sinfonia que Beethoven tinha apresentado na noite anterior. ▲

um objectivo comum, que é o de tocarem em conjunto, é logo algo muito difícil. Individualmente, cada um deles é um artista, mas, depois, é impressionante a forma como são capazes de se unir, colocar as divergências de lado e tocar em conjunto, mantendo um diálogo musical. Para mim, uma das minhas maiores alegrias é o prazer de estar em palco a actuar em conjunto. Enquanto pianista, o percurso de cinco segundos desde os bastidores até ao centro do palco, onde estava o piano, parecia interminável. Sente-se a solidão, não vemos nada para lá do palco. Claro, temos toda a atenção sobre nós, o que é magnífico. Mas, pessoalmente, prefiro trabalhar em grupo com os músicos de uma orquestra e atingirmos algo em conjunto.

Qual o concerto mais memorável que deu?

Foram tantos, muitos mesmo. Na verdade, a actuação mais memorável é sempre a da semana anterior: cada espectáculo envolve muita preparação e ensaios e, chegado o momento do concerto, é de vida ou morte. Quando estamos em palco, suamos e colocamos todas as nossas emoções naquilo que estamos a fazer durante aquelas duas horas. Por isso, de certa forma, é o concerto mais memorável. Mas depois, na semana seguinte, recomeça tudo de novo. Dito isto, claro, há algumas actuações que são especiais. Um momento especial foi quando fui convidado para actuar no Teatro Mariinsky, em São Petersburgo, na Rússia. Quando entrei na sala de espectáculos, disseram-me: “Maestro, este pódio foi utilizado por Tchaikovsky”. Foi como se conseguisse chegar até ele: claro que conheço o trabalho de Tchaikovsky, mas ele esteve naquele local. De certa forma, para um músico, aquele é um espaço sagrado.

Começou a sua formação musical em Macau e, alguns anos depois, estava em Nova Iorque, na Juilliard School, uma das mais prestigiadas – e exigentes – instituições de ensino à escala mundial. Como foi esse tempo?

Quando um rapaz de Macau vai para Hong Kong e depois para Nova Iorque, cada passo é um abrir de olhos. Quando fui para Nova Iorque – da mesma forma do que quando fui para Hong Kong –, o que realmente

queria era ver mais artistas e concertos ao vivo. Claro que, como músicos, temos as nossas ideias, mas é muito importante ver outras coisas. Comparo sempre a profissão de músico com a de chefe de cozinha: tem tudo a ver com experimentar coisas novas. Um chefe deve provar diferentes ingredientes para educar o seu palato; para um músico, os ouvidos são a sua forma de experimentar coisas novas. Nesse sentido, Nova Iorque serviu para alargar os meus horizontes. Claro, é uma cidade grande e não é fácil sobreviver: é fácil perdermo-nos, a diferentes níveis. Mas gostei do meu tempo lá.

O mundo da música clássica reúne grandes talentos, mas igualmente grandes egos. Ser maestro é também ser um gestor de pessoas?

Qualquer músico é um ser humano. Numa orquestra, todos têm uma história similar: aprenderam música durante muitos anos, desde crianças. Todos têm as suas próprias concepções ao nível de como querem tocar. É difícil de gerir? Eu diria que é uma questão de comunicação. Como músicos de orquestra, não estamos a criar algo completamente novo, mas sim a tentar descobrir a mensagem que o compositor de uma determinada peça queria apresentar ao público. De certa forma, estamos no meio, tentando decodificar a partitura e dar-lhe vida. E é desta forma que acabamos por encontrar uma base de entendimento entre todos.

Que conselho daria aos jovens que hoje vão ver a Orquestra de Macau e ambicionam seguir o seu exemplo?

Sejam curiosos. Quando olho para trás, a curiosidade foi algo que sempre me moveu. Não havia muitos concertos em Macau e, por isso, sempre que havia alguma performance, mesmo que fossem apenas estudantes, eu ia. Fosse um solista de violino, um quarteto de cordas, canto... sempre que havia algo, eu estava lá. Actualmente, vejo jovens que aprendem piano e que apenas vão a concertos de piano. Música é música: é importante ver outras coisas, que nos possam inspirar, abrir a nossa mente. ▲

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

O PAÍS DO CHOCOLATE QUER ADOÇAR A GRANDE BAÍA

Sol, cacau e uma posição estratégica a meio do mundo. São Tomé e Príncipe quer fazer do turismo, da agricultura e das energias renováveis os pilares do processo de desenvolvimento do país e conta com o investimento chinês para alcançar os objectivos, diz o representante do país no Fórum de Macau, **Gika da Graça Simão**. Na mira está o gigantesco mercado da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau

Texto | Marco Carvalho

SÃO Tomé e Príncipe apanhou o comboio da cooperação multilateral entre a China e os países lusófonos já em andamento, mas a integração na dinâmica do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) trouxe ao país africano oportunidades “espectaculares”. Quem o diz é Gika Makeba da Graça Simão, delegado do arquipélago equatorial africano junto do Secretariado Permanente do Fórum de Macau, que garante que a presença chinesa no país se tornou “inquestionável” desde que os dois países restabeleceram, no final de 2016, relações diplomáticas.

Num período de pouco mais de seis anos, a cooperação chinesa contribuiu para o reordenamento urbanístico de São Tomé, a capital da nação insular, dotando a cidade de fogos de habitação social, para além de ter permitido a ampliação e melhoria da rede rodoviária do arquipélago.

“O apoio chinês tem sido bem-vindo, na medida em que, no quadro da cooperação entre os dois países, está em curso um conjunto de actividades e de projectos”, ilustra Gika da Graça Simão.

“Refiro-me a projectos no domínio das infra-estruturas, que constituem uma preocupação para o Governo de São Tomé e Príncipe, e, neste momento, a China tem contribuído imensamente para a melhoria das infra-estruturas” no país, acrescenta. “Refiro-me, concretamente, a edifícios, a moradias populares, a estradas e a outras infra-estruturas importantes para o processo de desenvolvimento.”

De acordo com o representante, até ao momento “foi construída uma média de 60 moradias”, mas o plano “passa por construir duzentos e tal apartamentos sociais”.

“Com a cooperação da China, houve intervenções que foram feitas, no domínio das infra-estruturas, no centro da capital: estradas, passeios e por aí fora.



Há, portanto, uma intervenção, uma presença da China, que é inquestionável, neste momento, em São Tomé e Príncipe”, complementa.

DIVERSIFICAR ATRAVÉS DO TURISMO

A expansão e modernização da rede de infra-estruturas é vista pelas autoridades de São Tomé e Príncipe como fundamental para o processo de desenvolvimento do país e para a viabilização económica dos sectores com maior potencial no arquipélago.

O futuro do país deverá passar por domínios como o turismo, a agricultura, a pesca, os serviços e as energias renováveis, áreas em que o investimento estrangeiro – nomeadamente de empresários e entidades da República Popular da China – é bem-vindo.

“Neste momento, temos um consenso a nível nacional de que o turismo é a chave para São Tomé e Príncipe. A solução para São Tomé e Príncipe passa pelo

turismo, na medida em que as condições são propícias para que este sector se afirme”, salienta Gika da Graça Simão. “Por outro lado, e tendo em conta que há toda uma política voltada para a transição energética, a aposta nas energias renováveis oferece imensas oportunidades aos investidores que queiram investir em São Tomé e Príncipe nessa área”, acrescenta.

É, de resto, no âmbito das energias renováveis que as perspectivas de um eventual investimento chinês em São Tomé e Príncipe se fazem mais tangíveis. O potencial do pequeno arquipélago africano, explica Gika da Graça Simão, atraiu um grupo de empresários da República Popular da China, num processo que não é alheio à dinâmica que o Fórum de Macau ajudou a criar ao longo dos últimos 20 anos.

“O Fórum de Macau é um instrumento que complementa a cooperação bilateral existente entre os países de língua portuguesa e a China, tendo Macau como plataforma. O que o Fórum de Macau trouxe, na

A cooperação chinesa tem contribuído para o reordenamento urbanístico da capital do país, São Tomé



verdade, foi uma maior projecção dos países lusófonos junto do empresariado do Interior da China”, refere o responsável, que é também coordenador do Gabinete de Ligação dos Países de Língua Portuguesa no Secretariado Permanente do Fórum de Macau.

“Através do Fórum de Macau, e por conta dos programas e das actividades do organismo, os delegados têm a oportunidade de se deslocar ao Interior da China e fazer a promoção das oportunidades de negócio nos seus respectivos países junto dos empresários do Interior da China. No caso concreto de São Tomé e Príncipe, tem sido uma experiência espectacular para nós”, assume.

“Eu tenho recebido manifestações de intenções por parte de alguns empresários do Interior da China que desejam investir no sector das energias renováveis. Essas manifestações de interesse foram encaminhadas para os sectores competentes e, ao nível das partes, já tem havido diálogo, numa perspectiva do sector privado. O empresário que quer investir em São Tomé e Príncipe tem a abertura e estão reunidas as condições próprias para que ele possa investir com toda a tranquilidade no sector da energia solar”, diz o delegado de São Tomé e Príncipe junto do Secretariado Permanente do Fórum de Macau.

COM OS OLHOS NA GRANDE BAÍA

Com pouco mais de 220 mil habitantes e com um tecido económico no qual o sector agrícola adquire um peso

preponderante, São Tomé e Príncipe vê no Fórum de Macau um mecanismo incontornável para chegar a um dos mercados mais apetecíveis e substanciais do mundo. A consolidação do projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau representa, para os produtores e empresários são-tomenses, a abertura de novas janelas de oportunidade.

“A Grande Baía constitui, naturalmente, uma grande oportunidade, não só para São Tomé e Príncipe, mas para todos os países que integram o Fórum de Macau, na medida em que estamos a falar de uma região com mais de 86 milhões de consumidores, com um produto interno bruto de dois biliões de dólares americanos”, sublinha Gika da Graça Simão. “É um mercado a que qualquer empresa gostaria de ter acesso. Mas é preciso que haja uma estratégia muito bem definida e muito bem delineada entre as partes, para que os empresários possam, com uma maior facilidade, aceder a este grande mercado e, naturalmente, escoar os seus produtos, e no caso, os produtos que são produzidos em São Tomé e Príncipe.”

“Falo concretamente do cacau e de outros produtos derivados do próprio cacau e que podem ser perfeitamente escoados. Neste momento, o chocolate de São Tomé e Príncipe já se encontra em Macau, já há pequenos importadores que trazem para cá o chocolate de São Tomé e Príncipe. Tem tido uma boa aceitação”, realça o representante do país africano. “Agora é preciso continuarmos a trabalhar para que esse volume de chocolate que vem para Macau possa aumentar e, quem sabe, atingir o Interior da China. Esse é que é o objectivo. Esse é que é o foco nesse momento: trazer mais”, remata.

O sector agrícola é responsável por uma fatia de 20 por cento do produto interno bruto de São Tomé e Príncipe, emprega 60 por cento da população activa e gera 80 por cento dos proveitos obtidos com as exportações, de acordo com dados da Agência Francesa de Desenvolvimento. Para além de cacau e de café, o arquipélago produz ainda pimenta de grande qualidade, baunilha, cocos e óleo de palma, produto que, em 2020, suplantou o cacau como principal produto de exportação do país em termos de volume, segundo dados oficiais. ▲



Neste momento, temos um consenso a nível nacional de que o turismo é a chave para São Tomé e Príncipe

GIKA DA GRAÇA SIMÃO
DELEGADO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
NO SECRETARIADO PERMANENTE
DO FÓRUM DE MACAU

VER VÍDEO AQUI ▶



ARTES MARCIAIS

Um mestre forjado por

Deixou a terra natal ainda em tenra idade e atravessou meio mundo para viver ao cuidado dos monges do Templo Shaolin, na China. Regressado a Moçambique, o mestre de kung fu Alex Siteo tem agora como missão contribuir para o progresso do país que o viu nascer

Texto | Jaime Álvaro

Os primeiros anos de Alex Siteo foram marcados pela guerra civil em Moçambique, mas foi na China que cresceu e se tornou no homem que é hoje. Mestre de kung fu e instrutor das forças de segurança moçambicanas, guarda boas memórias das duas décadas que viveu no Templo Shaolin, uma experiência que teve tanto de árdua como de gratificante.

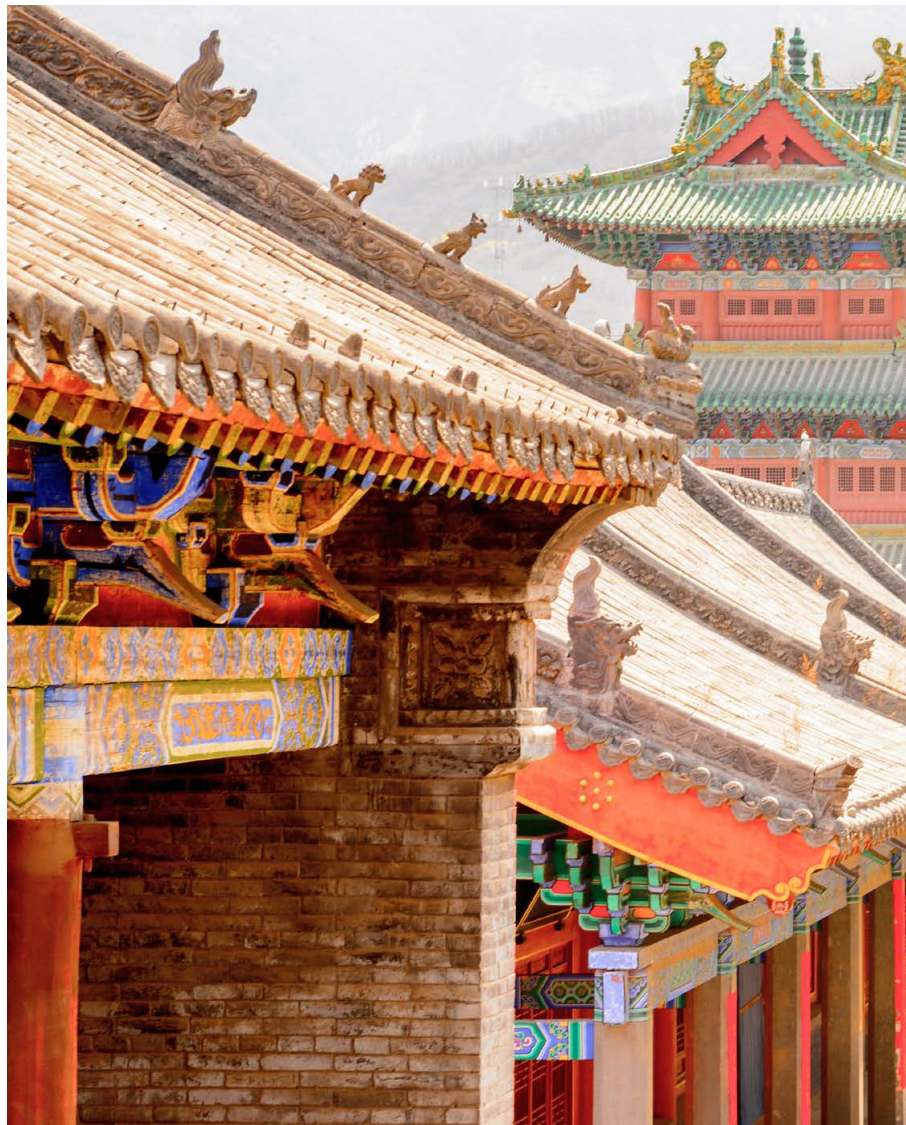
Alex Siteo nasceu em 1979, em Chicumbane, em Gaza, uma das províncias moçambicanas mais afectadas pela guerra civil que se seguiu à independência do país.

Os pais, agricultores que trabalhavam para uma família chinesa,

não tinham muitas condições para o criar. Em 1984, quando essa família se preparava para deixar Moçambique, pediu aos pais de Alex Siteo que deixassem a criança ir

com eles, para que crescesse num ambiente seguro. E assim foi.

Com apenas cinco anos, Alex Siteo mudou-se para um novo país, com uma realidade totalmente



dois mundos



© DIREITOS RESERVADOS

diferente da que conhecia, deixando para trás o conflito, mas também a família.

Chegado à China, passou a viver em regime de internato no

Templo Shaolin, na Montanha Songshan, na província chinesa de Henan, um dos berços do kung fu no país. Começava então um percurso que lhe iria mudar profundamente

o resto da vida e, desde logo, com um novo nome: New Chung, que, numa tradução livre para português, significa “força de touro”.

À conquista da mestria

No templo, Alex Siteo teve muito pouco contacto com o mundo exterior. “Não nos era sequer permitido o uso de tecnologia”, recorda.

Assim se passaram 20 anos dedicados ao kung fu, num “mundo completamente diferente”. Foi naquele espaço que o jovem moçambicano se forjou não só como “guerreiro”, mas também como adulto instruído e disciplinado.

“Tínhamos uma rotina dura. Trabalhávamos todos os dias e acordávamos de madrugada, para fazer meditação nas montanhas. Fazíamos meditação do fogo, ficando à volta da fogueira para ganhar energia, o que exigia uma concentração extrema”, revela Alex Siteo.

Como em qualquer arte marcial, salienta, ultrapassar os vários patamares de formação requer muito esforço ao longo dos anos, incluindo várias provas em que é necessário demonstrar força física, mental e espiritual. Só após vários anos de treino, e graças à sua capacidade de perseverança, o jovem conquistou o cinturão negro.

Instituição conhecida por treinar centenas de monges e mestres de artes marciais, o Templo Shaolin recebia estudantes de diferentes lugares interessados em aprender as técnicas de luta desenvolvidas pelos

monges. A formação, segundo Alex Siteo, exigia trabalho de força, concentração, equilíbrio, flexibilidade e rapidez. Eram horas contínuas de treino para aprofundar os saberes nos ensinamentos de Buda.

Os tempos, contudo, mudaram. “Actualmente, o Templo Shaolin transformou-se numa atracção turística lucrativa e perdeu um pouco da sua mística”, refere.

Regresso a Moçambique

Depois de duas décadas no Templo Shaolin, Alex Siteo rumou ao Canadá, levado por um casal de missionários, e foi lá que completou o curso em Gestão de Empresas.

Anos mais tarde, o que seria apenas uma visita a Moçambique, em 2009, para filmar um documentário, tornou-se numa estadia permanente, arrebatado pela vontade de conhecer melhor as suas raízes.

A adaptação à terra natal, porém, não foi fácil, depois de tantos anos fora, uma vez que Alex Siteo já não sabia falar português nem qualquer outro idioma local, apenas inglês e mandarim. Depois de se estabelecer na cidade da Matola, próximo da capital, Maputo, foi necessário um período de adaptação à realidade local e algum tempo para encontrar o seu novo desígnio: a paixão por ensinar.

Após anos a aprender e a aperfeiçoar a arte do kung fu, Alex Siteo decidiu transmitir os seus conhecimentos enquanto força para o bem comum. Após várias tentativas,

tornou-se instrutor das forças especiais da Polícia da República de Moçambique.

“Eu dirigia-me ao gabinete do comandante, chegava de manhã e só era atendido às 17 horas. Era duro, mas eu queria ter a oportunidade de poder treinar os agentes da polícia do meu país”, diz.

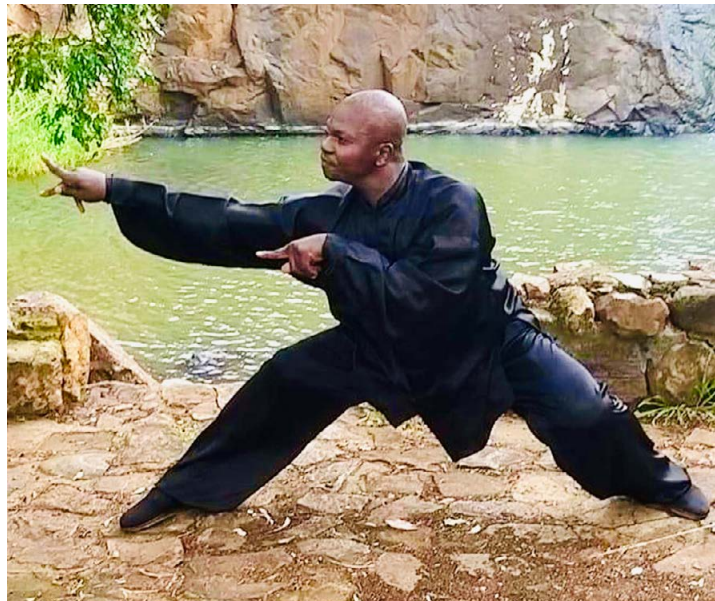
Descrevendo-se como um homem frontal e comprometido com os seus princípios, Alex Siteo foi ultrapassando vários obstáculos. O primeiro, conta, teve que ver com o período de formação dos cadetes, que se limitava a seis meses, tempo que considera insuficiente para garantir o treino adequado e necessário para futuros polícias.

A mudança do sistema de formação levou o seu tempo, mas Alex Siteo diz-se satisfeito com os resultados alcançados ao longo dos anos

e com o trabalho desenvolvido em prol da nação. “O meu compromisso é com o Estado”, afirma.

Alex Siteo é actualmente uma figura pública em Moçambique, sendo reconhecido pelo seu percurso no mundo das artes marciais, mas também como influenciador digital. Nas redes sociais, deixa regularmente palavras de motivação, esmiuçando as suas experiências e partilhando mensagens de superação.

Ele próprio tem um sonho que não esquece: o de vir a ser actor num filme sobre artes marciais. “Gostaria de um dia transportar a minha história para o cinema como forma de inspirar os jovens moçambicanos, para que saibam que, mesmo com poucos recursos e poucas oportunidades, se podem superar, melhorar as suas vidas e ajudar o país a crescer”, conclui. ▀



© DIRETOS RESENADOS

Alex Siteo regressou a Moçambique após 25 anos no estrangeiro

收藏



Coleccione Selos
de Macau

Collect
Macao's Stamps

01/09/2023

遊覽澳門
Conhecer Macau
Explore Macao



集郵微信QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





A Associação Desportiva “Ou Kong Si San Kit Yee Tong”
está apostada em trazer mais jovens para a dança do leão



DANÇA DO LEÃO

O rugir da tradição

É presença habitual em muitos momentos da vida comunitária do território: a dança do leão é um dos costumes mais enraizados em Macau. A Revista Macau foi falar com alguns praticantes da arte, para saber como está a ser assegurado o futuro desta tradição

Texto | Cherry Chan

A PRÁTICA é centenária em Macau, mas renasce a cada actuação: a vivificação do leão “acorda” o animal que, manobrado por dois dançarinos, executa vários movimentos e posições, seguindo o ritmo de tambores, gongos e címbalos, tocados de forma frenética pelos restantes membros da trupe. Tudo para solicitar protecção e segurança divinas e atrair bons augúrios. A tradição está viva e é fácil de encontrar no território, seja durante festivais como as celebrações do Ano Novo Lunar, seja associada à inauguração de eventos ou abertura de estabelecimentos comerciais, entre outros.

Serão certamente centenas as vezes que Pun Keng Man já ajudou o leão a ganhar vida. Pun preside à Associação Desportiva Leão Acordado “Lo Leong”, estabelecida em 1938. O grupo é um dos principais promotores da dança do leão em Macau.

Pun Keng Man explica que a prática tem mais de 100 anos no território. O veterano adianta que, para



Para efectuar algumas das acrobacias mais perigosas, são necessários pelo menos cinco anos de treino

manobrar o leão, é necessário perícia e coordenação. Afinal, são precisos dois para dançar. “Precisam tanto de capacidade física como de sentido de arte”, diz. “Precisam de fazer os movimentos de acordo com o ritmo dos tambores e da música, enquanto a cabeça do leão também tem que fazer diferentes expressões.”

Herança chinesa, tesouro de Macau

O leão possui um importante simbolismo na cultura tradicional chinesa. As crenças tradicionais apontam-no como um animal protector, símbolo de força e coragem. Daí ser comum encontrar estátuas de leões à entrada de templos, palácios e outros lugares públicos, bem como de residências privadas: as estátuas são normalmente em pares, com o macho responsável por proteger a estrutura do edifício e a fêmea como a protectora do seu interior e habitantes.

Em Macau, a dança do leão é uma actividade tradicional, habitualmente realizada durante celebrações em templos, cerimónias de casamento e festivais

populares. Tem como intuito afastar espíritos malignos e criar um ambiente de alegria e festividade.

O tipo de dança do leão tradicional no território tem as suas origens na cultura cantonense – ou de Lingnan, como também é denominada, numa referência à região a sul das montanhas de Nanling. Daí que seja conhecida como “dança do leão do Sul”, em oposição à “dança do leão do Norte”, tradicional das províncias mais setentrionais da China.

Enquanto arte performativa, integra artes marciais, dança e música: a sua origem e desenvolvimento em Macau estão intimamente ligados a escolas de artes marciais chinesas. Existem leões de diferentes cores, com simbolismo distinto. A prática foi integrada em 2020 no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

Na dança do leão, o animal é composto por uma cabeça e um dorso felpudo. Há uma série de movimentos típicos, desde o “Choy Cheng” (apanhar uma alface ou outro vegetal com a boca) ao “caminhar em Meihuazhuang” (pequenos pilares com o topo em forma de flores de ameixa).

A tradição da dança do leão é sobretudo assegurada em Macau por associações locais, passando muitas vezes de geração em geração. Nas últimas décadas, a prática cultural tomou também a forma de desporto: foi uma das modalidades integrantes dos Jogos Asiáticos em Recinto Coberto, cuja segunda edição decorreu em Macau em 2007 e durante a qual a equipa do território de dança do leão obteve quatro medalhas, incluindo uma de ouro. A prestação valeu-lhe o Título Honorífico de Valor, entregue pelo então Chefe do Executivo, Edmund Ho Hau Wah.

Abertura a novos participantes

Antigamente, a dança do leão era sobretudo uma tradição familiar. A comunidade era fechada e não era fácil entrar. Mak Wang, que lidera a secção de artes marciais chinesas e de dança do leão e dragão da Associação Desportiva “Ou Kong Si San Kit Yee Tong” de Artes Marciais Chinesas, fundada em 1914, diz que a situação começou a mudar a partir da década de 1990. “Enfrentando um problema de envelhecimento entre os praticantes, começámos a introduzir a dança do leão junto das escolas, como actividade extracurricular, através de professores treinados pela nossa associação”, conta.

Foi o início de uma maior democratização da prática. Vários estabelecimentos de ensino oferecem hoje não só acesso à dança do leão como actividade extracurricular, como possuem as suas equipas, existindo até competições interescolares. A prática chegou

também a mais organizações do território, com algumas a terem os seus próprios grupos de dança do leão.

Mak Wang acrescenta que muitas companhias locais também apoiam a tradição, abordando a sua associação para que leve a cabo performances em eventos empresariais. O dirigente recorda ainda o caso de estrangeiros que, durante as suas estadias em Macau, procuraram a associação, “para aprender alguns movimentos de dança do leão”.

Apesar da popularidade, quem pratica a dança do leão depara-se muitas vezes com problemas de falta de espaço adequado para treinar. São necessários locais com áreas suficientes para os dançarinos e toda a panóplia de adereços associada à dança do leão, bem como com um pé direito suficientemente alto para que seja possível executar as várias acrobacias. Mas isso não chega: devido aos elevados decibéis da música, muitas vezes a prática da dança do leão gera queixas dos vizinhos.

“Na verdade, a maioria dos residentes apoia esta actividade, por isso também tentamos o nosso melhor para não causar qualquer inconveniente ao público, nomeadamente quando treinamos”, diz Mak Wang. A sua associação tem acesso a um pequeno edifício antigo junto do Templo de Na Tcha, na Calçada das Verdades, onde guarda os materiais. Os treinos têm lugar no interior, mas também no terraço no topo do edifício. A associação procura levar a cabo os ensaios musicais durante a tarde, de forma a evitar incómodos de maior à vizinhança.

Na Associação Lo Leong, Pun Keng Man explica que os ensaios usualmente também decorrem no topo de um edifício. Durante os treinos, o grupo cobre os tambores com panos grossos, de forma a abafar o som das batidas.

Olhos no futuro

Apesar da maior abertura, as associações tradicionais ligadas à dança do leão continuam a funcionar como uma comunidade relativamente próxima, assegura Pun Keng Man. A sua associação acolhe crianças de tenra idade, procurando que as duplas que manuseiam cada leão possam aprender e evoluir em conjunto. “Temos membros novos todos os anos e temos equipas de diferentes níveis”, indica o responsável.

O tipo de dança do leão tradicional em Macau tem as suas origens na cultura cantonense

© LEONG SIU PO



Na Associação Lo Leong, os treinos decorrem no topo de um edifício

O dirigente afirma que, após um ou dois anos de treino, uma dupla é já capaz de efectuar os movimentos mais básicos da dança do leão. “Para actuações mais difíceis, possivelmente têm de ser treinados durante cinco anos antes de poderem subir ao palco.” Afinal, saltar em cima de estacas que podem ter mais de três metros de altura e uma base para pousar o pé com um diâmetro inferior a 40 centímetros é tarefa complicada: um passo em falso pode originar lesões graves. Além disso, há que contar com o peso da cabeça do leão, que pode superar cinco quilos, além da falta de visibilidade e calor causados pelo fato.

Lou Chon Hei, estudante universitário, é um dos membros da trupe de dança do leão da associação “Ou Kong Si San Kit Yee Tong”. Praticante há cerca de uma década, dá continuidade a uma longa tradição familiar de ligação à dança do leão: teve início com o bisavô e continuou nas gerações seguintes. “Gosto, tenho paixão por isto”, afirma. E, através dele, a associação também ganhou mais sangue novo: alguns dos seus amigos, inicialmente

curiosos sobre a prática, acabaram por integrar o grupo.

Olhando para o futuro, Lou Chon Hei considera que a dança do leão se deve adaptar às novas realidades, mas sem trair as origens. “Precisamos de manter a tradição, mas podemos promover esta dança através dos meios de comunicação actuais”, explica. A sua associação já o fez, por exemplo, com recurso a “lives” em redes sociais.

Chung Pui Ying tem um percurso similar ao de Lou Chon Hei na associação “Ou Kong Si San Kit Yee Tong” – ou quase. A também estudante universitária está igualmente com o grupo há uma década, mas, ao contrário de Lou, toca música, não manuseia o leão. Também ela tem ajudado a rejuvenescer a associação, com algumas das suas amigas agora entre os seus membros.

“Era difícil obter qualquer informação sobre a aprendizagem disto quando eu era mais jovem, mas agora a situação mudou”, defende. “Há mais informação e temos alguns membros que estão a ensinar a dança nas escolas”, indica. ▲

ESTALEIROS NAVAIS DE LAI CHI VUN - LOTES X11 A X15

EXPOSIÇÕES

FEIRA

ESPECTÁCULOS

WORKSHOPS

ESTRADA DE
LAI CHI VUN

ENTRADA LIVRE



CREATIVE MACAU

Vinte anos a estimular

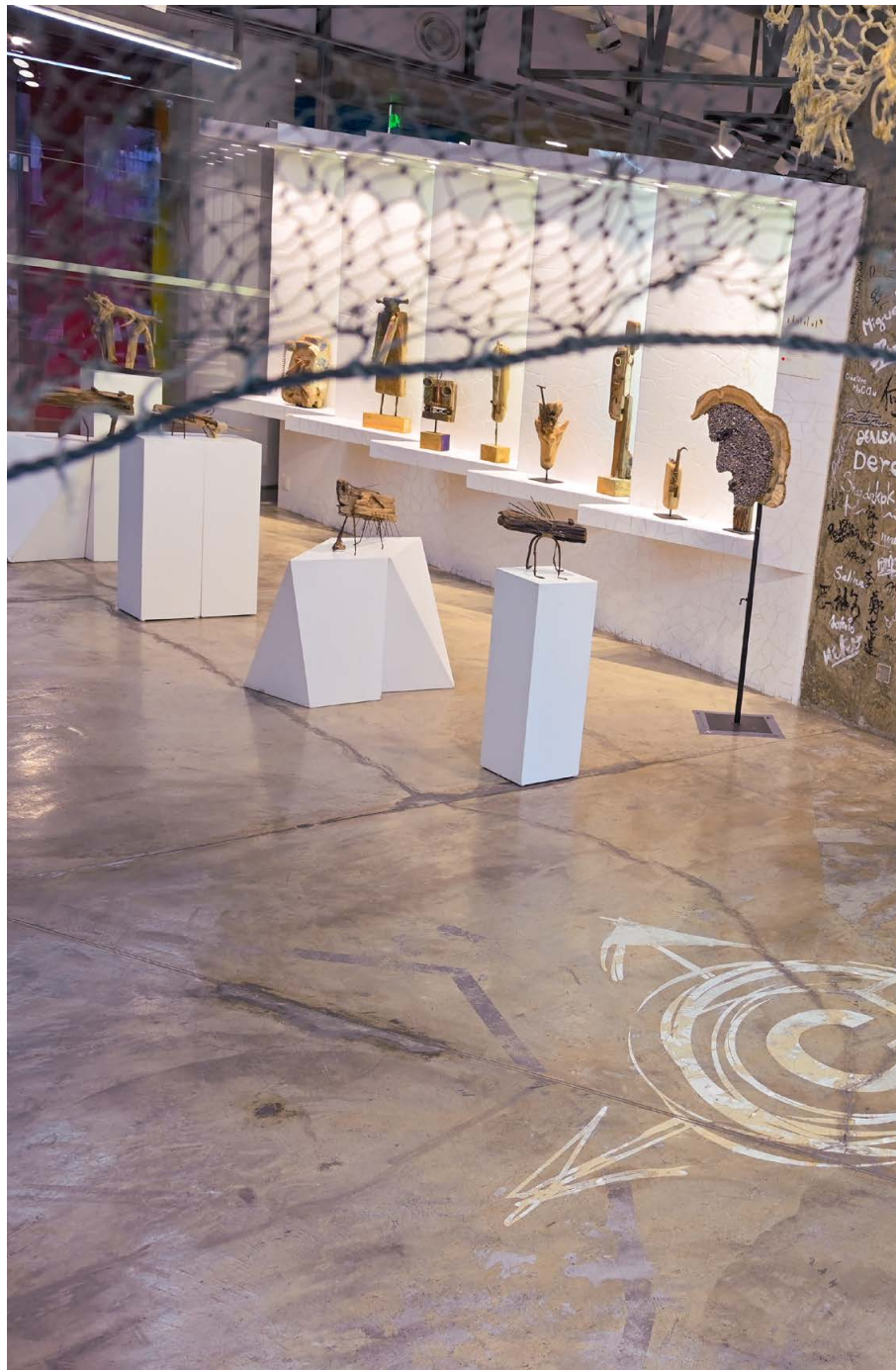
A celebrar o seu vigésimo aniversário este ano, o Creative Macau mantém-se fiel à sua missão de contribuir, através da promoção das indústrias criativas, para o desenvolvimento sustentável de Macau

Texto | Nelson Moura

Fotografia | Leong Sio Po

É UM espaço de descompressão para se viver a arte e que, há 20 anos, procura estimular a criatividade em Macau. O Creative Macau – Center For Creative Industries acolheu ao longo dos anos vários artistas, designers e empresários de diferentes indústrias criativas, com a intenção de fazer nascer projectos em áreas como a publicidade, arquitectura, artesanato, design, moda, cinema e vídeo, música, artes cénicas, ou artes visuais.

Sob a alçada do Instituto de Estudos Europeus de Macau, o Creative Macau abriu portas ao público a 28 de Agosto de 2003 no piso térreo do Centro Cultural de Macau. Mas, como lembra a presidente e fundadora, Lúcia Lemos, os preparativos



O Creative Macau abriu portas ao público em Agosto de 2003

a criatividade



logísticos e físicos começaram logo no início de 2002.

“A missão e objectivos deste projecto inovador foram abraçar os profissionais de carreira e acolher os novos talentos que procuravam o reconhecimento do seu trabalho dentro de nichos das áreas criativas”, diz à Revista Macau.

Segundo a também fotógrafa e realizadora, o Instituto de Estudos Europeus de Macau viu uma “oportunidade de ouro” para fomentar as indústrias criativas emergentes em Macau e fundou o Creative Macau – Center for Creative Industries num formato de “projecto de cooperação, diálogo e de convergência do mundo criativo”.

Natural de Vila Nova de Gaia, em Portugal, a fundadora do projecto reside em Macau desde 1982. No vasto currículo conta com uma exposição no Centro Cultural de Macau dedicada a retratos de mulheres artistas de Macau e um ensaio fotográfico sobre um dos maiores escritores de Macau, Henrique de Senna Fernandes.

Nas duas décadas de existência, o Creative Macau acolheu mais de 300 exposições colectivas e individuais, exibiu cerca de 10 mil trabalhos e recebeu 100 mil visitantes.

“Na nossa primeira década, dedicámo-nos à criação de estratégias de exploração do mercado criativo para nos situarmos nos nichos do grande mercado. Duas décadas depois do primeiro dia, mantemos o ritmo evolutivo e estamos comprometidos com o amanhã”,

destaca Lúcia Lemos. “Continuamos a pensar em estratégias de expansão para as indústrias criativas, na importância e dinamização da economia local e no reconhecimento dos criativos.”

O centro colabora, por exemplo, com duas universidades de Macau que organizam anualmente mostras com os melhores e mais criativos trabalhos dos seus estudantes.

“O nosso trabalho é, pois, dedicado aos criativos locais. Hoje, continuamos a cumprir esses objectivos e juntos a pensar em estratégias de expansão das indústrias criativas, na sua importância na dinamização da economia local e no reconhecimento dos criadores.”

Fonte de inspiração

Nestas duas décadas, o Creative Macau exibiu peças de joalharia, escultura, fotografia, objectos de design, cerâmica, pintura, projectos de

arquitectura, moda, vídeo, música. O espaço albergou também workshops de design, restauro de porcelana, produção de mobiliário e pintura, bem como oficinas de produção de argumentos para filmes e teatro.

Diversos seminários, simpósios e conversas foram organizados e o centro levou também muitas das suas criações a feiras de arte e design locais e internacionais, como ExperimentaDesign, Business of Design Week, Exponor, London Design Fair, Shenzhen Cultural Fair, Feira Internacional de Macau e Xangai Expo.

“Criámos colaborações com associações criativas, instituições privadas, grupos e indivíduos no sentido de, juntos, fomentarmos em campo o diálogo, trocarmos experiências e, em grupo, colocarmos os conhecimentos em acção”, realça Lúcia Lemos.

Um dos artistas que viu o seu percurso profissional

profundamente ligado ao Creative Macau é André Lui Chak Keong, arquitecto e artista visual.

Licenciado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em 1999, André Lui trabalhou para o arquitecto português Manuel Vicente em Lisboa e para o Architecture Studio, empresa de arquitectura e design de referência em Paris. André Lui participou também no projecto “Monumentos da Amizade Luso-Chinesa em Macau”, da autoria do escultor português Domingos Soares Branco, e trabalhou como arquitecto para o Instituto Cultural de Macau.

“Eu sou membro da associação desde 2006, fiz uma exposição de pintura individual e participei várias vezes em exposições colectivas entre 2008 e 2012, mais ligado à área de design. Na altura, o Creative Macau ajudava os membros a participarem na Feira Internacional de Macau para mostrarem alguns projectos de design industrial. Produzi alguns móveis, como cadeiras, e candeeiros”, salienta o arquitecto.

“Além disso, o Creative Macau também organizou algumas visitas a Hong Kong para eventos de design. A instituição é importante porque, para além das exposições individuais e colectivas, é um local para trocarmos ideias com outros artistas e designers”, acrescenta.

Stefan Nunes foi outro artista com um percurso profissional marcado pelo Creative Macau e pelo seu apoio à exposição da obra de criadores locais.



O espaço acolheu ao longo dos anos várias exposições individuais e colectivas



“Duas décadas depois do primeiro dia, mantemos o ritmo evolutivo e estamos comprometidos com o amanhã

LÚCIA LEMOS
PRESIDENTE E
FUNDADORA DO
CREATIVE MACAU

“Tomei conhecimento do centro através da minha mãe, uma fotógrafa e pintora apaixonada e membro activo do Creative Macau, com várias exposições colectivas e individuais. Não poderia adivinhar na altura que o Creative Macau iria apoiar e lançar a minha carreira como fotógrafo freelance, video-maker e designer gráfico”, conta à Revista Macau.

Stefan Nunes foi contratado pelo Creative Macau para fotografar o Festival Internacional de Curtas Metragens de Macau 2019 – realizado e produzido pela própria instituição desde 2010 – e, desde então, foi destacado todos os anos como o responsável pela cobertura de fotos e vídeos do evento.

“Tive também o privilégio de fazer alguns trabalhos de design gráfico para o Festival e algumas das exposições, o que ajudou a enriquecer o meu currículo e portfólio”, revela. “Em 2022, convidado pelo Creative Macau para participar na Exposição Colectiva de Sócios para o 19.º Aniversário, aceitei finalmente o desafio e participei no evento com um retrato fotográfico ao lado de vários outros artistas talentosos.”

O artista realça que fazer parte do colectivo o ajudou a conhecer melhor a comunidade criativa de Macau, desenvolver ligações e traçar o seu próprio percurso no mundo da arte. “É um trabalho em andamento e aprendemos enquanto caminhamos, passo a passo. É uma

oportunidade que poucos têm, e está aí para ser aproveitada”, refere.

Vasto potencial

À Revista Macau, Lúcia Lemos destaca que a formação artística é um dos pilares da actividade do centro. Este trabalho foi, no entanto, interrompido em 2020, devido à situação pandémica, mas será retomado e tem muito potencial para crescimento, diz a coordenadora do Creative Macau.

“Na sociedade civil, as comunidades criativa e cultural ganhariam ainda mais se desenvolvessem projectos colectivos para incluir mais artistas emergentes, dando-lhes confiança através do convívio, confrontando processos

O Festival Internacional de Curtas de Macau
visa estimular a produção de curtas-metragens

澳門國際短片影展

MACAU INTERNATIONAL
SHORT FILM
FESTIVAL
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CURTAS DE MACAU

Partilha de conhecimento: a génese do sucesso

NUM percurso de duas décadas, foram muitos os momentos que marcaram a história do Creative Macau. Entre os momentos significativos, Lúcia Lemos enumera alguns dos projectos que mais se destacaram: a criação da plataforma BC LINK, o projecto “BLUEPRINT” e o Festival Internacional de Curtas de Macau.

O BC LINK foi estabelecido como uma plataforma para pequenas empresas que procuravam ideias não convencionais para um mercado pequeno e específico, procurando preencher um vazio na ligação entre o sector empresarial e as indústrias criativas.

O projecto artístico cultural especial “BLUEPRINT” foi criado para abrir um canal de comunicação entre artistas e instituições de apoio, disponíveis a transmitir conhecimentos do mundo artístico à comunidade. “Esse programa foi constituído por seminários e workshops com várias vertentes artísticas no espaço do Creative Macau com oradores de Macau, Hong Kong, Interior da China, Inglaterra e Holanda. Foram debates de pensamento críticos sobre a produção artística, relevantes e importantíssimos na aquisição de mais conhecimento”, aponta Lúcia Lemos.

Outro marco foi o Festival Internacional de Curtas de Macau, realizado anualmente desde

2010 numa sala de cinema em Macau, com a 14.ª edição do evento a ter lugar entre 5 e 13 de Dezembro do corrente ano.

“O festival deu-nos a possibilidade de encontrarmos uma saída para comunicarmos corporativamente a nível internacional. Este é o evento mais sustentável de encontros de intercâmbio cultural e criativo”, salienta a coordenadora do espaço. “É bastante surpreendente o número de participantes realizadores de Macau que submetem os seus filmes.”

Muitos realizadores de Macau foram vencedores dos prémios “Melhor Entrada Local” e “Identidade Cultural de Macau” na Competição Internacional de Curtas-metragens, parte do festival.

“Devido à boa qualidade do seu trabalho, convidámo-los a envolverem-se na participação de actividades durante o festival, assumindo o papel de júri, desempenhando funções de curadoria, como entrevistadores e partilhando experiências profissionais, dando-lhes oportunidade de elevar o seu portfólio”, conta Lúcia Lemos.

A coordenadora destaca também um protocolo estabelecido com Portugal, em 2009, visando o acolhimento em Macau de estudantes universitários na área de gestão das artes e da cultura. ▲



“A instituição é importante porque é um local para trocarmos ideias com outros artistas e designers

ANDRÉ LUI
ARQUITECTO E
ARTISTA VISUAL

de criação e análise. Esse seria o grande motor de autoconfiança e desenvolvimento de uma comunidade forte, arrojada e internacionalizada”, salienta Lúcia Lemos.

E acrescenta: “Há muito trabalho a fazer para se criar condições para os artistas que o gostariam de ser a tempo inteiro. Com as bolsas, sendo apenas temporárias, os artistas acabam por estagnar, por não haver continuidade subsidiária. É necessário trabalhar os hábitos por dentro no sentido de valorização da criatividade e dos seus autores”.

A coordenadora do Creative Macau destaca também que a educação escolar, secundária e universitária, deveria também apostar profundamente na criatividade.

“Macau carece de mecenato, os colecionadores são quase inexistentes, os interessados por arte adquirem pouquíssimas obras, tornando insustentável a vida dos autores”, acrescenta. “É desejável ter novas formas de pensar e criar novos modelos de aproximação aos agentes que sintonizarão os sectores criativos, despertando investidores, promotores, mecenas e interessados em geral.”

No entanto, a também artista enaltece o enorme potencial das indústrias criativas locais e a necessidade de os artistas de Macau terem garantias consistentes e duradouras, que os estimulem a desenvolver a tempo inteiro um trabalho de qualidade superior.

“O Governo tem o empreendedorismo como uma das metas políticas e lançou incentivos à população empresarial para dinamizar projectos na Grande Baía [Guangdong-Hong Kong-Macau] e criar negócios autossustentáveis, diversificando os sectores das indústrias que contribuem afincadamente para a melhoria do tecido industrial e autonomia de todos os que trabalham nesta região”, destaca Lúcia Lemos.

“Estamos com o Governo e a comunidade criativa, agilizando acessos de plataformas e pontes aos utilizadores, viabilizando a divulgação das suas criações através das exposições, criação de programas diversos que aproximem várias áreas das indústrias criativas locais”, enfatiza. ▀

JIU-JITSU

Um banho de confiança,

Foi das últimas artes marciais a fincar pé no território, mas o jiu-jitsu é das modalidades de combate e autodefesa que mais se tem expandido. Em menos de duas décadas, o número de praticantes passou para mais de uma centena. E são cada vez mais os atletas de Macau a lutar por medalhas em competições internacionais

Texto | Marco Carvalho

Fotografia | John Mak

NÃO há arte marcial que não tenha a si inerente uma certa sabedoria, mas são poucas as que têm um poder metafórico tão expressivo como o jiu-jitsu, ou ju-jitsu, como por vezes é referido. O veredicto é traçado por Alexandre Magno Jorge, que sustenta que nenhuma modalidade marcial ou de autodefesa prepara melhor quem a pratica para as adversidades com que a vida nos confronta.

“Muitas vezes estamos num lugar menos vantajoso, mas no jiu-jitsu, mesmo numa posição menos vantajosa, é possível derrotar o nosso adversário. É uma boa metáfora para o que nos acontece na vida, para o que acontece fora do tatami. A vida nunca é um mar de rosas”, sustenta o dirigente.

Fundador e presidente em exercício da Federação de Ju-Jitsu

de Macau China, Alexandre Jorge argumenta que o contributo que o jiu-jitsu dá para o fortalecimento do carácter e da personalidade é um dos atractivos fundamentais da modalidade, mas não é o único. O facto de ser um desporto acessível a praticantes de todas as idades e de oferecer garantias tangíveis em termos de autodefesa explica o crescimento rápido, quase exponencial, que a modalidade tem vindo a conhecer tanto em Macau, como no resto do mundo.

“Há várias razões pelas quais as pessoas optam pelo jiu-jitsu. Uma delas é, desde logo, a acessibilidade. Se uma pessoa já com uma certa idade quisesse começar a praticar judo, seria muito difícil, porque, para se ser ágil no judo, é necessário começar cedo. O jiu-jitsu, que em grande medida se disputa no chão, implica menos mobilidade, é mais acessível e, como tal, é mais fácil começar a aprender, quando comparado com o judo”, salienta Alexandre Jorge. “Por outro lado,



no tatami e na vida



O jiu-jitsu é uma arte marcial de autodefesa



O jiu-jitsu [...] é uma boa metáfora para o que nos acontece na vida, para o que acontece fora do tatami

ALEXANDRE JORGE
FUNDADOR E
PRESIDENTE DA
FEDERAÇÃO DE JU-JITSU
DE MACAU CHINA

há outra coisa que joga a favor do jiu-jitsu: o facto ser uma modalidade de muito prática, porque se concentra no controlo das articulações, no estrangulamento. Em suma, é uma boa modalidade em termos de autodefesa”, salienta.

Tiago Afonso afina pelo mesmo diapasão. Responsável, com Luís Serafim, pelo capítulo local da Atos – uma das grandes linhagens internacionais do jiu-jitsu brasileiro –, Tiago Afonso foi um dos primeiros praticantes a alcançar, em Macau, o estatuto de faixa negra e a atingir o topo de um percurso que premeia a experiência e a dedicação.

A modalidade contempla cinco faixas principais: branca, azul,

roxa, castanha e preta. Todos começam no branco e muito poucos chegam ao cinturão preto, mas, pelo caminho, há proveitos bem mais importantes que se colhem.

“O jiu-jitsu dá coordenação motora, autoconfiança e disciplina. Por outro lado, quem aprende jiu-jitsu, sejam crianças ou adultos, aprende a conviver com os outros e, aos poucos, vai também aprendendo a estar em situações desconfortáveis no treino. Há imensas posições que são desconfortáveis e, ao ultrapassar essas posições, ganha-se imensa autoconfiança. Eu acho que este é o aspecto principal”, afiança Tiago Afonso à Revista Macau.

“Ganhar, por vezes, só implica

conquistar o medo. O jiu-jitsu consegue ser súper técnico. Muitos dos melhores do mundo são atletas sem grande aptidão física, principalmente nos pesos leves, mas são pessoas com uma grande capacidade de treino e de vontade de perceber como é que as coisas funcionam, como é que a alavancagem funciona. E se eles se dedicarem, se investirem o seu tempo – seja em Macau, seja em qualquer parte do mundo –, têm todas as possibilidades de se distinguirem em termos competitivos”, defende o faixa preta, que hoje se dedica por inteiro ao ensino da modalidade.

Duas décadas de conquistas

Responsáveis, actualmente, por dois projectos distintos, Alexandre Jorge e Tiago Afonso integraram, há cerca de duas décadas, a primeira geração de praticantes de jiu-jitsu no território.

Antigo jogador de basquetebol, Alexandre Jorge cruzou-se com a modalidade em Honolulu, no Havai, onde foi aluno de Relson Gracie, membro da família brasileira a quem é traçada a fundação e sistematização do jiu-jitsu brasileiro. “Fiquei a conhecer o jiu-jitsu no Havai, quando estava a fazer o meu curso superior. Foi em Honolulu que vi os primeiros combates do UFC [Ultimate Fighting Championship]. Eu via o UFC e fiquei muito impressionado com a família Gracie. Tive a felicidade de estar em Honolulu quando um

dos membros da família Gracie, o Relson Gracie, lá vivia. Eu fui aluno dele e ganhei uma medalha de prata no primeiro campeonato Gracie de jiu-jitsu”, explica Alexandre Jorge, em declarações à Revista Macau.

“Esse desempenho deixou-me muito motivado, com muita vontade de continuar neste desporto. Quando regresssei a Macau, não havia praticamente jiu-jitsu. A modalidade mais próxima do jiu-jitsu era o judo. Comecei a praticar judo em 1996 e, em muito pouco tempo, fui seleccionado para a selecção de Macau”, acrescenta o dirigente.

O fascínio crescente que as artes marciais mistas e que competições como o UFC ou os Pride Fighting Championships, no Japão, começaram a exercer nos entusiastas dos desportos de combate dos quatro cantos do mundo não deixaram Macau incólume, mas foi um acontecimento insuspeito – a liberalização da indústria do jogo, em 2002 – que ajudou a alavancar e a autonomizar a prática do jiu-jitsu no território.

Entre os muitos executivos de topo que se fixaram no território estava Walter Power, praticante de jiu-jitsu, e que anos mais tarde ocupou o cargo de vice-presidente do empreendimento Venetian Macao.

“Em 2003, Walter Power veio para Macau e ele também era um grande adepto de jiu-jitsu. Na altura, a Las Vegas Sands tinha um ginásio no edifício Golden Dragon. Através do Walter Power conseguimos usar o ginásio daquela zona,

adquirimos dez tatamis para começar o nosso grupo de actividade e foi assim que a modalidade de jiu-jitsu se emancipou”, recorda Alexandre Jorge.

O gesto de Walter Power é tido, quase de forma unânime, como um dos momentos cruciais no percurso do jiu-jitsu em Macau, mas a modalidade deve a sua actual projecção a uma decisão, tomada alguns anos depois, por Tiago Afonso e Luís Serafim. A dupla, actualmente responsável pela academia Atos Macau, trouxe para o território o brasileiro Daniel Charles Pereira, cinturão preto da modalidade, a quem foi confiada a missão de fortalecer a prática do jiu-jitsu no território.

“Sempre estive envolvido nas artes marciais, mas só comecei a praticar jiu-jitsu aos 34 anos. Sempre gostei de UFC, conheci um amigo cá em Macau com quem partilhava esse interesse e ele disse-me, a determinada altura, que havia um pequeno grupo que praticava jiu-jitsu. Na altura havia um [membro] faixa azul que dava aulas, eu fui experimentar e gostei. Nunca mais parei”, salienta Tiago Afonso. “Quando comecei só havia esse [membro] faixa azul e treinávamos num espaço emprestado. Eu e o Luís Serafim começámos à procura de alguém que nos pudesse ensinar. A comunidade brasileira era, na altura, relativamente grande cá em Macau e encontrámos, por coincidência, alguém cujo vizinho tinha sido campeão no Brasil e que

queria sair de lá, experimentar novas paragens. Nós trouxemo-lo para cá, arranjámos um sítio para ele morar e o ginásio começou a crescer”, recorda o agora instrutor.

Resultados além-fronteiras

A aposta não tardou a dar frutos e a modalidade ainda hoje tira proveito da estratégia, gizada há mais de uma década. Dos pouco mais de meia dúzia de pioneiros que introduziram o jiu-jitsu no território, a comunidade de praticantes cresceu para cerca de uma centena de atletas, de ambos os sexos e de todas as idades.

“Fomos dos primeiros a ter um faixa preta a trabalhar connosco. Nem em Hong Kong havia um faixa

preta brasileiro a tempo inteiro. Quando o Daniel chegou, o nosso nível aumentou logo, porque ele vinha de um outro mundo. No Brasil, em todas as esquinas, há uma academia de jiu-jitsu. Há outra cultura. Fomos expostos a essa cultura e o jiu-jitsu cresceu logo um pouco”, sustenta Tiago Afonso.

O crescimento da modalidade traduz-se por ganhos quantitativos, mas também qualitativos, com um número crescente de atletas locais a garantirem bons resultados em provas e competições internacionais. É o caso de Elsa Sousa, atleta que venceu uma medalha de bronze na categoria de faixa azul, na mais recente edição do AFG Open, disputado no final de Maio, em Banguecoque, na Tailândia. O desempenho

garantiu-lhe o apuramento para o Abu Dhabi Combat Club Submission Fighting Championship, um dos torneios mais prestigiados do universo dos desportos de combate.

“Quando comecei com o jiu-jitsu, não sabia bem o que era. Agora sei que o jiu-jitsu é algo que me dá estrutura na vida”, sublinha Elsa Sousa. “Aquilo de que eu gosto no jiu-jitsu é o facto de que é infinito. É impossível aprender tudo. Por outro lado, como o meu mestre costuma dizer, é a única arte marcial em que as mulheres podem bater os homens. Eu sou pequena em termos de estatura. Sinto que posso derrotar qualquer pessoa, qualquer que seja o físico do meu adversário. Posso sempre usar os meus atributos como uma vantagem, posso usar a minha técnica. Uma pessoa mais pequena, por exemplo, vai ter um jogo completamente diferente do que aquele pelo qual opta alguém com maior estatura”, ilustra a atleta.

O sucesso alcançado por Elsa Sousa está longe de ser caso único. Uma outra atleta da linhagem da Atos Macau conquistou em Tóquio, no Japão, o título asiático e, na esfera da Federação de Ju-Jitsu de Macau China, também há vários resultados dignos de registo.

“Na última edição do Campeonato Asiático, o nosso atleta Vincent Choi conseguiu disputar quatro lutas: ganhou duas lutas e perdeu as outras duas. O atleta de Macau derrotou um tailandês e um outro atleta do Bahrain, com



Nas academias de Macau, há cada vez mais jovens a praticar a modalidade



Ganhar, por vezes, só implica conquistar o medo. O jiu-jitsu consegue ser súper técnico

TIAGO AFONSO
UM DOS RESPONSÁVEIS
PELA ACADEMIA
ATOS MACAU

submissão, num espaço de alguns segundos. Foi um dos melhores resultados obtidos por um atleta de Macau até à presente data num Campeonato Asiático”, sustenta Alexandre Jorge. “Em 2018, a nossa atleta Un Si Man conseguiu uma medalha de prata no Balkan Invitational, ao derrotar uma atleta da Rússia. Continuam a pertencer à classe feminina os melhores resultados”, acrescenta o presidente e fundador da Federação de Ju-Jitsu de Macau China.

A competição a nível internacional tornou-se, para os praticantes de jiu-jitsu de Macau, algo comum, mas há portas que continuam por abrir. Se a participação

no Campeonato Nacional da China, em torneios internacionais ou até no Campeonato Asiático se tornou uma prática normal, a presença no torneio de jiu-jitsu dos Jogos Asiáticos ainda está vedada aos atletas do território.

“Por agora, o nível mais elevado ao qual nós conseguimos chegar é o Campeonato Asiático. Nós somos reconhecidos pela União Internacional de Jiu-Jitsu, mas acontece que, para competir nos Jogos Asiáticos, é necessário também ser-se reconhecido pelo Comité Olímpico de Macau e esse é um passo que ainda não conseguimos concretizar. Ainda falta essa etapa”, lamenta Alexandre Jorge. ▲

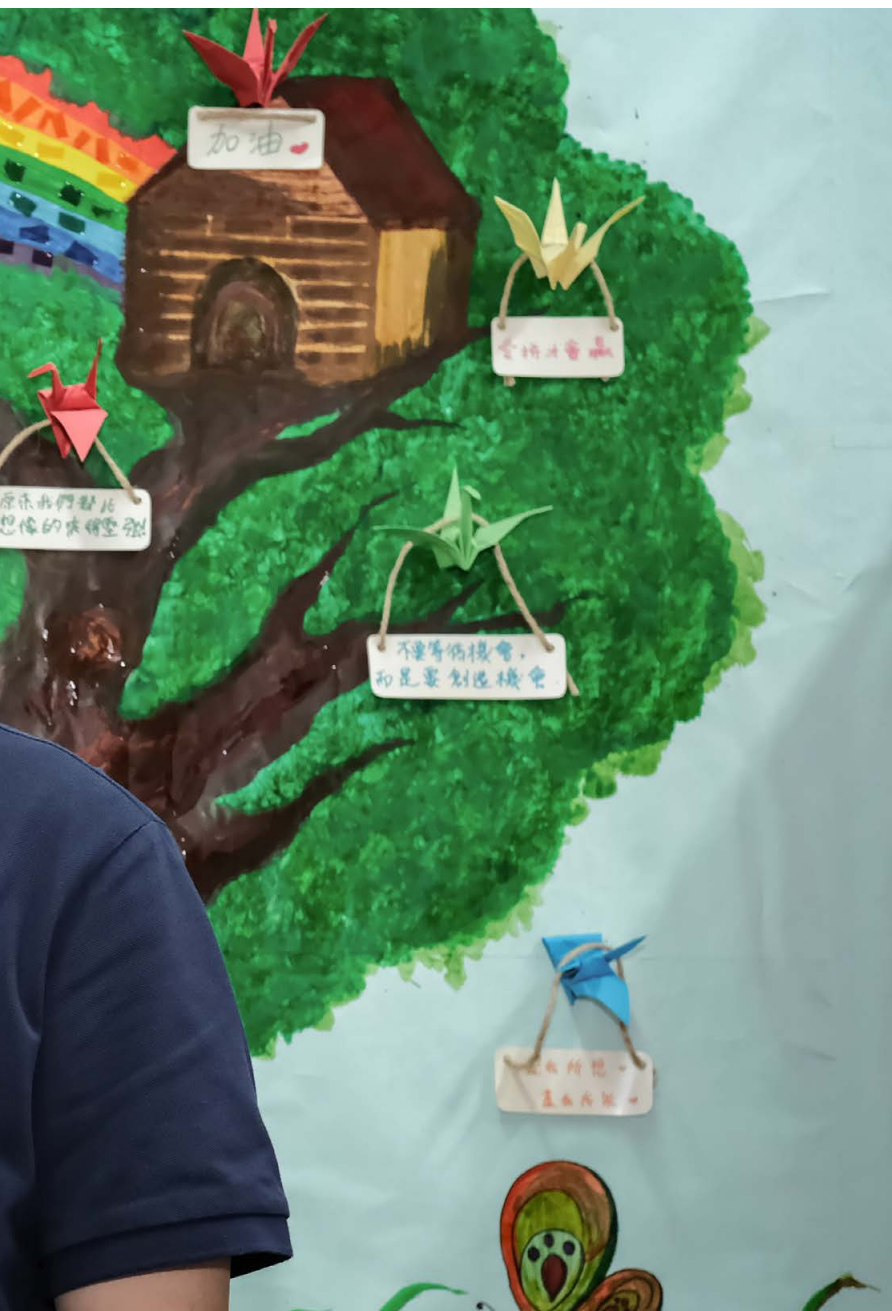
a minha cidade

APRENDER POR ENTRE PERCURSOS

© JOHN MAK



E EXPERIÊNCIAS



Há anos que **Hetzer Siu Yu Hong** é o rosto da Macau Special Olympics (MSO). Depois de duas décadas, há ideias que permanecem constantes e que ele faz questão de partilhar com outros assistentes sociais: “Cada indivíduo tem um trajecto de vida distinto”. O mesmo se pode dizer de Hetzer Siu, cujas experiências e encontros em Macau o levaram até ao lugar onde está hoje

Texto | Tony Lai

MACAU não tem segredos para Hetzer Siu, que, enquanto jovem trabalhador da companhia de electricidade local, andou de porta em porta pelos vários bairros da cidade. Até que o seu caminho se cruzou com o trabalho desenvolvido pela MSO e daí nasceu uma nova paixão: ajudar o próximo, nomeadamente as pessoas com deficiência intelectual e as suas famílias.

a minha cidade

01 O nascer da curiosidade

AO LEME da organização que actualmente apoia mais de 1400 utentes e conta com mais de 280 funcionários, Hetzer Siu afirma que o seu trabalho exige não só paixão e experiência, mas também eficiência, capacidade de executar várias tarefas em simultâneo e a curiosidade que desenvolveu ainda durante a infância.

Hetzer Siu completou a educação primária no Colégio do Sagrado Coração de Jesus (Secção Chinesa), que é tradicionalmente uma escola só para raparigas, com a excepção de alguns rapazes que frequentam a escola primária. “Vi-me forçado a aprender a executar várias tarefas e fazer as coisas rapidamente, pois tinha até 14 trabalhos de casa por dia”, recorda.

Com a entrada no ensino secundário, deu-se uma mudança drástica e passou a frequentar o Instituto Salesiano, uma escola só para rapazes. “A carga de trabalho era menos intensa”, acrescenta Hetzer Siu, de 55 anos. “Além de transmitir conhecimento, o Instituto Salesiano também me deu acesso a muitos novos conceitos e ideias.”

O Instituto Salesiano é uma escola católica com mais de um século de história, situando-se mesmo ao lado de uma das três igrejas mais antigas de Macau, a Igreja de São Lourenço. Esta instituição de ensino é publicamente reconhecida pelas suas disciplinas de electrónica e mecânica. “Fomos ensinados que tínhamos que começar com as perguntas primeiro e depois procurar as soluções. Por exemplo, ‘Porque temos de fazer isso?’, ‘Porque é assim?’ e assim

por diante”, recorda. “O Instituto Salesiano fez realmente de mim um curioso sobre o mundo.”

02 Cruzar de culturas

ESTE ANO, Hetzer Siu completa 20 anos como director da MSO. Antes de se dedicar totalmente à organização, trabalhou como técnico de electricidade durante mais de uma década. Terminado o ensino secundário, ingressou na Companhia de Electricidade de Macau (CEM), em 1987, uma das saídas profissionais comuns para os alunos da sua geração no Instituto Salesiano. “Incluindo eu, havia pelo menos dez alunos da minha turma que começaram a trabalhar na CEM logo após terminarem a escola”, conta.

Olhando para trás, Hetzer Siu recorda com carinho os tempos em que trabalhou na operadora de electricidade. “O ambiente no local de trabalho na CEM era muito diferente do que já tinha vivido na altura: não havia apenas colegas chineses, mas também de Portugal e de outros países”, conta. “É realmente um lugar onde o Oriente encontra o Ocidente.”

A atmosfera de encontro de culturas era ainda mais acentuada com a localização do escritório da CEM naquela época. Instalado no Edifício Ritz, o espaço tinha uma arquitectura neoclássica de três andares no Largo do Senado,



Edifício do Instituto Salesiano



© DIRETOS RESERVADOS

Antigo Edifício Ritz no Largo do Senado

hoje património mundial, o mesmo que agora abriga as instalações da Direcção dos Serviços de Turismo de Macau e várias actividades comerciais privadas.

“Foi uma sensação especial e revigorante trabalhar na CEM”, enfatiza.

03 Valorizar conquistas

UMA das outras vantagens de trabalhar na CEM era o equilíbrio entre vida pessoal e profissional, pois Hetzer Siu tinha tempo livre para explorar outros interesses e actividades. Foi também o momento

em que a sua vida se cruzou com o trabalho da MSO, instituição inaugurada em 1983 e oficialmente registada em 1987 junto do governo de Macau como organização sem fins lucrativos. “Como os meus amigos e colegas eram voluntários na MSO na altura, simplesmente me juntei a eles e ajudei numa das competições desportivas da organização”, recorda. “Comecei depois a assumir a função de treinador e a dar treinos semanais de atletismo para os membros da MSO no Centro Desportivo Lin Fong.”

Localizado na zona do Fai Chi Kei, o Centro Desportivo Lin Fong inclui um campo relvado,

uma pista de tartan para todas as condições climatéricas, piscinas aquecidas e zonas de ténis de mesa, bem como uma pista de corridas de galgos que só foi encerrada em 2018. “A maioria do meu tempo livre nos anos da CEM foi passado no Lin Fong. Além de treinar os membros da MSO no atletismo, também lhes ensinei ténis de mesa e outras actividades. Ainda me lembro que uma vez treinei no Lin Fong seis dias por semana”, sublinha.

Hetzer Siu, porém, confessa não ser um grande entusiasta de desporto, fazendo apenas uma excepção para um jogo de futebol semanal com os amigos. O que o

a minha cidade

+MACAU

motivou a ser treinador dos membros da MSO foi a possibilidade de ajudar os outros, principalmente as pessoas com necessidades especiais. “A satisfação em ajudá-los [membros da MSO] a aprender e conquistar algo é muito maior do que com as minhas próprias conquistas”, salienta.

04 Lugar de reflexão

APÓS alguns anos de voluntariado, Hetzer Siu começou a pensar em como poderia ajudar melhor as pessoas com necessidades especiais. Após concluir o curso de serviço social no Instituto Politécnico

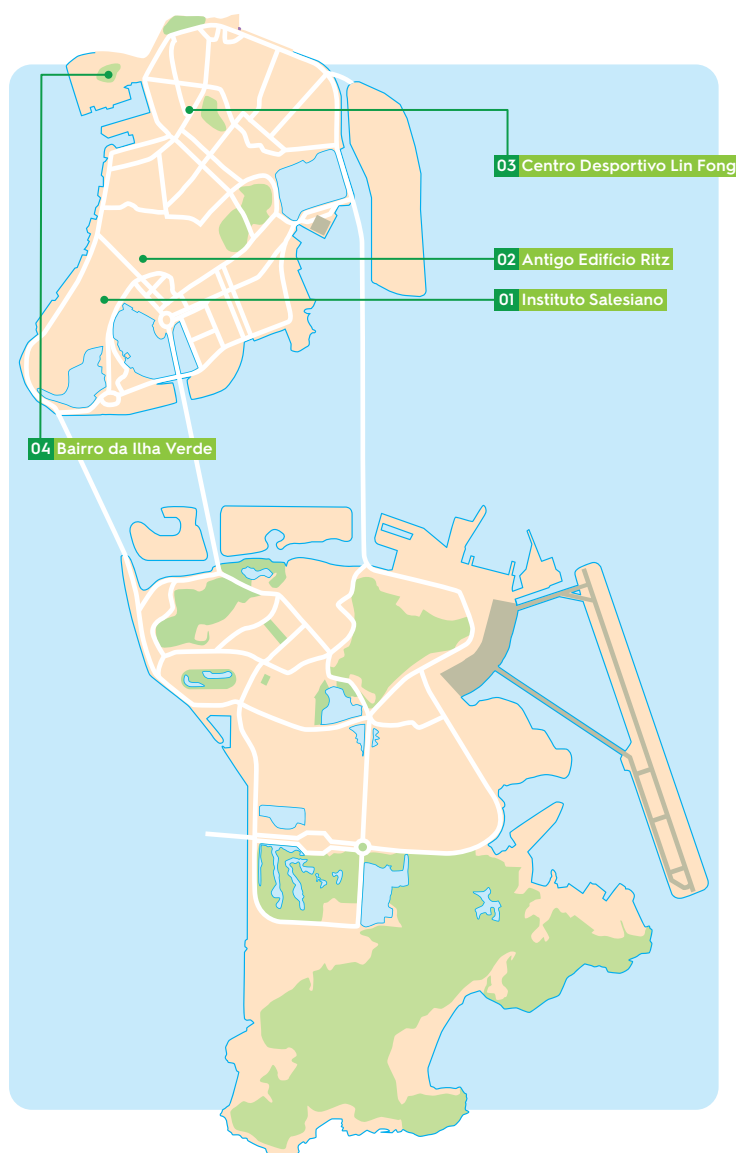
de Macau (agora Universidade Politécnica de Macau), tornou-se assistente social e ingressou na MSO como funcionário a tempo inteiro.

Olhando para o seu trajeto de vida, Hetzer Siu acredita que as suas visitas à Ilha Verde foram uma das causas para a mudança para a área de serviço social. Durante décadas, a Ilha Verde foi conhecida pelos seus aglomerados desordenados, onde viviam multidões. Uma tarefa importante atribuída a Hetzer Siu como funcionário da CEM, no final dos anos 1980 e início de 1990, foi descobrir e registar todos os contadores de electricidade perdidos naquela zona.

“Era um bairro onde viviam as classes mais baixas e pobres, onde dezenas de pessoas conviviam num espaço de menos de 30 metros quadrados, e onde era comum ver gente a discutir ou brigar”, conta.

“Era uma outra faceta de Macau que na altura ainda não conhecia”, continua. “Foi uma revelação para mim e fez-me pensar realmente no porquê de essas pessoas viverem assim e qual era o significado da vida.”

Mais de três décadas depois, o bairro da Ilha Verde foi reconstruído e Hetzer Siu aparentemente encontrou as respostas para as suas perguntas. “Continuo a acreditar que o que estou a fazer é significativo, permitindo que os grupos desfavorecidos de Macau ganhem maior resiliência e brilhem”, comenta. ▀





O AUTÊNTICO SABOR INDIANO

Com formação em dança clássica indiana, **Aruna Jha** tornou-se num nome conhecido e reconhecido em Macau por um outro tipo de artes: as gastronómicas. Acabada de receber mais uma distinção – desta feita, pela Embaixada da Índia em Pequim, pelo seu papel pioneiro na divulgação da cultura indiana na RAEM –, diz-se orgulhosa por poder promover o seu país natal na cidade onde vive há quatro décadas

gastronomias

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

QUANDO Aruna Jha visitou Macau pela primeira vez, não foi para cozinhar; foi para dançar. “Fui convidada pelo Instituto Cultural em 1983 para vir ensinar dança clássica indiana, um contrato de curta duração”, recorda. Logo após a conclusão do vínculo, tomou uma decisão que iria mudar a sua vida para sempre: ficar, para promover a cultura do seu país. O que era inicialmente para ser uma estadia de meses tornou-se numa permanência de quatro décadas e Macau passou a ser a sua casa. “Não sou uma estrangeira aqui”, afirma.

Foi no ano seguinte à sua chegada ao território, pela mão do antigo Hotel Hyatt Regency – hoje Regency Art Hotel –, que começou a dar a conhecer a gastronomia indiana em Macau. Aceitou um convite do hotel para estar à frente de um buffet indiano, apesar de não ter qualquer formação como chef profissional. A experiência de sucesso daria origem aos restaurantes sob a chancela “Aruna’s Indian Curry”: o primeiro abriu portas em 1988.

O caril, garante, é uma das suas especialidades: “Desde a primeira vez que apresentei em Macau o meu caril, nunca comprei preparados já prontos; compro antes todas as especiarias e outros ingredientes

e moo tudo, para manter o sabor autêntico e original do prato”, diz. No entanto, admite concessões: “Da primeira vez, simplesmente coloquei menos pimenta, para adaptar o prato à cultura gastronómica da cidade, mas ao mesmo tempo ainda era autêntico, ainda era a cultura indiana”, relata.

Aruna Jha adianta que o segredo do caril está na proporção entre os diferentes ingredientes utilizados, que incluem pimenta preta, pimenta branca e pau de canela, entre outros. Com o passar do tempo, a popularidade dos seus pratos indianos foi crescendo. Com a sua própria marca, a chef empenhou-se ainda mais na promoção e, em 2007, abriu um segundo restaurante no território, desta feita na Taipa.

O esforço levou a que, no ano seguinte, abrisse mais um estabelecimento, desta vez com capacidade para mais de uma centena de comensais de cada vez. “Maharaja’ é uma palavra indiana que significa ‘rei’. Essa era a minha esperança para o novo restaurante: que fosse um palácio, que quem lá se sentasse se sentisse confortável e pudesse divertir-se”, diz. Seguir-se-ia, em 2012, uma presença num dos resorts integrados do Cotai.

GASTRONOMIA QUE LIGA

A exposição de Macau aos ingredientes e especiarias indianas tem uma história centenária,

particularmente através de Goa, Damão e Diu, antigas colónias portuguesas. No entanto, Aruna Jha – proveniente do norte da Índia – trouxe algo de novo ao território.

Através do seu caril, associado a outros pratos, Aruna Jha abriu uma porta para que a população local pudesse provar uma Índia diferente e, assim, ganhasse fome por saber mais sobre aquela cultura milenar. Começou-se então a construir uma conexão entre povos, assente no palato.

Servindo a comunidade local, os restaurantes de Aruna Jha



“**Tenho orgulho em ser uma residente de Macau e em partilhar o autêntico sabor indiano com as pessoas**

ARUNA JHA



Para assegurar a autenticidade do seu caril, Aruna Jha mói e mistura as diferentes especiarias e ingredientes de forma artesanal

passaram também a ser um porto de abrigo para os indianos que passavam por Macau, em férias, negócios ou para aqui começar um novo capítulo das suas vidas. A chef tornou-se uma embaixadora informal da cultura indiana na cidade e uma cicerone no território para quem chegava de visita vindo da Índia.

Ao longo dos anos, foram múltiplos os buffets e jantares que realizou a fim de servir turistas, diplomatas e outras figuras de relevo: entre os mais significativos estão as primeiras comemorações

na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) do Dia da Índia, em 2002, em parceria com o consulado-geral do país em Hong Kong. Além disso, recebeu também o ex-primeiro-ministro indiano Inder Kumar Gujral quando este visitou Macau em 2004, bem como o então Embaixador da Índia na China, Ashok Kantha, em 2014.

FOCO NA AUTENTICIDADE

Em Março deste ano, o actual embaixador indiano em Pequim, Pradeep Kumar Rawat, reconheceu o papel

pioneiro de Aruna Jha nos campos da dança clássica e gastronomia indianas na RAEM. Tal aconteceu durante uma visita a Macau e foi enquadrado nas celebrações do Dia Internacional da Mulher.

Olhando para o futuro, Aruna Jha admite-se preocupada com a manutenção dos sabores indianos no território. Feliz por partilhar as suas receitas com outros, fala em desassossego face à escassez de sucessores.

“Não vejo ninguém a continuar a minha marca no futuro”, lamenta. “Mas quando faço eventos em hotéis, ensino os chefs de lá. Como quando eu estava no Hotel Hyatt Regency: também aí ensinei todos os chefs antes de sair”, diz Aruna Jha. Por exemplo, no ano passado, foi chef convidada durante uma promoção especial de três dias num dos restaurantes da Torre de Macau, durante os quais foi disponibilizado um buffet de gastronomia indiana.

A empresária encerrou o último dos seus restaurantes em Macau em 2016. Porém, a paixão pela gastronomia não desapareceu e, face à falta de quem ocupe o seu lugar como promotora da cultura indiana na RAEM, Aruna Jha fala em projectos para regressar ao activo: “Estou a planear reabrir o meu restaurante, talvez este ano ou no início do próximo ano”, admite. “Tenho orgulho em ser uma residente de Macau e em partilhar o autêntico sabor indiano com as pessoas.”

roteiro

+ EXPOSIÇÃO

Três coleccionadores,
outras tantas paixões

Serigrafias de Marc Chagall, fotografias de Fan Ho, livros clássicos sobre Napoleão Bonaparte, adereços e roupas vintage. Estes são alguns dos atractivos de uma das mais “sui generis” exposições alguma vez promovidas no território.

Patente ao público na galeria da Associação Cultural da Vila da Taipa, a mostra “Show-Off” reúne peças e objectos artísticos do acervo pessoal de três eminentes coleccionadores de Macau: Frederico Rato, advogado; Francisco Ricarte, arquitecto e fotógrafo; e Konstantin Bessmertny, artista plástico radicado em Macau há várias décadas.

Mais do que estar focada na obra e na visão de um artista, a exposição, com curadoria do também arquitecto João Ô, tem como ponto de partida os interesses e as paixões que movem os três coleccionadores.

Macau é, para Frederico Rato, o principal foco de atenção no que ao coleccionismo diz respeito, embora o causídico não esconda a estima pelo trabalho artístico de Marc Chagall. Entusiasta da fotografia e da arte fotográfica, Francisco Ricarte colecciona fotografia e possui mais de dois mil livros sobre o tema, devidamente catalogados. Já Konstantin Bessmertny procura no coleccionismo inspiração para a própria arte que produz.

“Show-Off: Exposição
de Três Coleccionadores”

LOCAL Associação Cultural da Vila da Taipa, Rua dos Clérigos

DATA Até 28 de Julho

HORÁRIO Segunda-feira a Domingo, das 12 às 20 horas

PREÇO Entrada Gratuita



MAIS INFORMAÇÃO

+ EVENTOS

A criatividade não faz férias

Workshops, teatro de marionetes, cinema de animação, dança e um vasto rol de iniciativas para todas as idades, ainda que com um foco particular na infância e na adolescência. Apostado em contrariar a ideia, erroneamente enraizada, de que nos meses estivais a cultura também vai de férias, o Centro Cultural de Macau (CCM) promove entre o início de Julho e o final de Setembro uma nova edição do programa InspirArte no Verão, iniciativa que é apresentada “como sendo uma celebração artística concebida para entreter e inspirar um vasto leque de públicos durante as férias”.

O primeiro dos três espectáculos que integram a iniciativa decorre entre 14 e 16 de Julho. O teatro infantil “Profundo Azul” combina marionetes, música ao vivo e arte reciclada para abordar a imperatividade de se salvaguardar os oceanos. Pelos palcos do CCM vão passar ainda a peça multimédia “A Viagem Estelar do Príncipezinho” e o espectáculo da dança “O Bosque dos Sonhos”.



© INSTITUTO CULTURAL

O espaço acolhe também, no final de Agosto, um ciclo de cinema direccionado para a infância, bem como uma série de acções de formação sobre música e representação, entre outras áreas.

“InspirArte no Verão”

LOCAL Centro Cultural de Macau

DATA Entre Julho e Setembro

PREÇO Entre 60 e 180 patacas, dependendo da iniciativa



WEBSITE
www.ccm.gov.mo

+ LIVRO

Descobrir uma forma de arte milenar

Ao contrário da pintura tradicional ocidental, a pintura chinesa não busca uma representação fiel e detalhada da realidade. Pelo contrário, o foco está na essência do que é representado, procurando-se os traços mais característicos do modelo sem entrar no pormenor. De resto, na cultura chinesa, a barreira entre escrita, desenho e pintura é difusa: não raras vezes, as três formas de artes entrelaçam-se numa só.

Na obra “Iniciação às técnicas da pintura chinesa: Aplicação no desenho de observação”, lançada em Abril no Museu do Oriente, na capital portuguesa, Lisboa, Mário Kong – descendente de chineses – procura fazer jus à herança cultural e artística que tem vindo a divulgar através de vários cursos de formação. A obra visa não só aproximar duas culturas, como ser um contributo para o desenvolvimento da aprendizagem de técnicas de pintura chinesa por parte de públicos falantes de língua portuguesa.

Nascido em Moçambique em 1964, Mário Kong é licenciado em arquitectura pela Universidade Técnica de Lisboa, onde é docente no departamento de Desenho e Comunicação Visual. Tem especialização em pintura chinesa, mestrado na área de reabilitação da arquitectura e núcleos urbanos pela Universidade Técnica de Lisboa e é doutorado pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona na área de comunicação visual.

Iniciação às técnicas da pintura chinesa: Aplicação no desenho de observação

AUTORIA Mário S. Ming Kong

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Arte

IDIOMA Português

PÁGINAS 88

EDITOR Archi&book's



© DIREITOS RESERVADOS

+ NA REDE

Uma janela para a cooperação sino-lusófona

Dos mecanismos criados pelas autoridades de Macau para ajudar a promover o desígnio da plataforma de serviços para a cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa, é o mais tangível e imediato. O Portal para a Cooperação na Área Económica, Comercial e de Recursos Humanos entre a China e os Países de Língua Portuguesa é um destino obrigatório para quem quer tomar o pulso ao actual panorama da cooperação sino-lusófona.

Para além de fornecer informação detalhada sobre centenas de produtos – alimentares e outros – produzidos nas nações de língua portuguesa, a plataforma electrónica foi acrescentando, ao longo dos últimos anos, novas competências e oferece agora uma miríade de informações sobre domínios tão variados como conferências e exposições, oportunidades de negócio e de investimento ou ainda sobre os fornecedores de serviços profissionais e os quadros qualificados bilíngues.

Lançado oficialmente a 1 de Abril de 2015, tornou-se em pouco mais de oito anos uma fonte primordial para informações sobre as diferentes facetas das relações sino-lusófonas.



Página inicial > Produtos

ORGANIZAÇÃO Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Economia e Negócios

IDIOMA Português, Chinês e Inglês



WEBSITE
www.platformchinaplpmo



“MACANESE CUISINE SERIES - PEIXE” (2021)

Aguarela em papel de algodão prensado a frio de 300 g/m²
(28cm comprimento x 38cm altura)

Julia Lam Tsz Kwan

NASCIDA em 1981, Lam Tsz Kwan, também conhecida por Julia Lam, desenvolve um trabalho artístico intimamente ligado a Macau, aos festivais e tradições da cidade. Em 2017, obras da sua colecção de aguarelas “Macanese Cuisine series” foram utilizadas na publicação “Colors in the Pot”, livro ilustrado de receitas macaenses assinadas por Cecília Jorge. A partir de 2020, Julia Lam começou também a produzir trabalhos em acrílico, demonstrando a sua versatilidade artística.

Formada pela Academia de Artes e Design da prestigiada Tsinghua University em Pequim, estudou desenho, a partir de tenra idade, com Lai Ieng, célebre artista de Macau. É actualmente dirigente da Associação dos Artistas de Belas-Artes de Macau e secretária-geral da Associação de Arte Juvenil de Macau.

O seu trabalho pode ser encontrado em várias colecções privadas e públicas. Julia Lam está entre os 17 artistas locais representados na exposição “Viagens de Luz: Aguarelas da Paisagem de Macau na Colecção do Museu de Arte de Macau”, patente até dia 11 de Agosto no Centro Científico e Cultural de Macau na capital portuguesa, Lisboa. ▲

Artista no Instagram:



@TKLY22_ARTIST

澳門國際藝術雙年展

生命車庫 統計學。



7
10
A Estatística da Fortuna
The Statistics of Fortune
Macao International Art Biennale
Bienal Internacional de Arte de Macau



www.artmacao.mo

協辦單位 / Co-organização / Co-organizers



2023

Art Macao
藝文薈澳

主辦單位 / Patrocinio / Patronage

澳門特別行政區政府社會文化局
Secretaria para as Assuntos Sociais e Cultura do Governo da Região Administrativa Especial de Macau
Secretariat for Social Affairs and Culture of the Government of the Macao Special Administrative Region

主辦單位 / Organização / Organizer

澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da Região Administrativa Especial de Macau

artmacao

IC Art 藝文棧

澳門文化局 IC

中葡商貿導航



CONDUTA DO COMÉRCIO CHINA-PLP



“中葡商貿導航”是為有意開拓發展中國以及葡語國家市場的企業、機構及個人，提供一系列搭橋鋪路的支援服務，讓企業和機構能夠順暢地向目標前進，服務包括：

A “Conduta do Comércio China-PLP” fornece uma série de serviços de ligação e de apoio às empresas, instituições e indivíduos com interesse em explorar e desenvolver os mercados da China e dos Países da Língua Portuguesa, permitindo às empresas, instituições e indivíduos atingirem com facilidade os seus objectivos, os serviços abrangem os seguintes:

- 商貿諮詢
Consultoria de negócios
- 轉介約見
Encaminhamento ou encontro
- 成立公司
Constituição de empresas
- 產品或服務的供求配對
Emparelhamento de produtos e serviços
- 宣傳推廣
Publicidade e promoção
- 舉辦或參與活動
Realização ou participação em actividades
- 投資項目配對
Emparelhamento de projectos de investimento
- 簽訂合作協議
Celebração de acordos de cooperação

更多“中葡商貿導航”服務的資訊，
請掃描二維碼

Para mais informações dos serviços da
“Conduta do Comércio China-PLP”, por favor
proceda à leitura do código QR.



中文



Português